



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS XIV-CONCEIÇÃO DO COITÉ
COLEGIADO DE HISTÓRIA

VANESSA MARIA OLIVEIRA ALMEIDA

**A ATUAÇÃO DAS IRMÃS DA PROVIDENCIA DE GAP NA PARÓQUIA DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ.**

Conceição do Coité
2016

VANESSA MARIA OLIVEIRA ALMEIDA

**A ATUAÇÃO DAS IRMÃS DA PROVIDENCIA DE GAP NA PARÓQUIA DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentados à Banca Examinadora da
Universidade do Estado da Bahia,
como requisito para a obtenção do grau
de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Igor José Trabuco
da Silva.

Conceição do Coité
2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela saúde e força para enfrentar os desafios que a vida nos oferece constantemente, e por ter me dado coragem e determinação para cumprir mais esta etapa da minha caminhada.

Agradeço a meus pais Maria São Pedro de Oliveira e Valdelicio Almeida pelo amor, pelos ensinamentos e apoio na minha vida. Aos meus irmãos, em especial Marildes Almeida e Jacimar Almeida por terem me acompanhado nessa caminhada, dando apoio e incentivo nos momentos de fraquezas.

A Irenildo de Oliveira pela paciência, companheirismo e compreensão durante a escrita, sempre incentivando e apoiando nos momentos de angústias.

Agradeço a todos os professores que contribuíram de forma significativa para minha formação, de modo especial agradeço ao professor Igor Trabuco, que aceitou orientar essa pesquisa. Sou muito grata pelos seus ensinamentos.

Aos meus colegas da UNEB, com quem passei bons e maus momentos, em especial Laíse dos Santos, Ludmilla Ramos, Dieska Oliveira, Gessica Lopes e Claudineia Lima, as companheiras de todas as horas. Muito obrigada pelo apoio e amizade.

Meu muito obrigado as Irmãs da Providência de Gap, em especial a Irmã Luzia, que me ajudou com as fontes e com o contato das outras irmãs, sendo essas de fundamental importância para minha pesquisa.

Muito obrigado a Lucivan Lopes, funcionário da Secretária Paroquial que disponibilizou documentos importantes para essa pesquisa.

Enfim, obrigado a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, a todos os meus depoentes: Amélia, Esmerita e Bernadete.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Resumo:

A Congregação das Irmãs da Providência de Gap, consiste em um grupo de freiras que, na década de 90, desenvolveram importantes trabalhos religiosos e sociais na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité. Sendo assim, essa monografia tem o objetivo de compreender a vida religiosa feminina, analisando o processo de formação das freiras e os reflexos do Concílio Vaticano II na vida religiosa feminina, bem como apresentar a Congregação das irmãs e traçar um perfil das primeiras freiras que chegaram ao município, para compreender a atuação e as particularidades desse grupo. O trabalho versa também sobre as atividades desenvolvidas pelas freiras na pastoral catequética e no grupo de mulheres do bairro Açudinho. Para tanto, o trabalho tem como opção metodológica a História oral, com a utilização das entrevistas de seis depoentes; além destas, foram utilizadas fontes escritas como O Mensageiro, Ecoando, Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, caderno pessoal da catequista, catecismo da Igreja Católica e Iconografias.

Palavras chaves: Irmãs da providência de Gap, mulheres, catequese.

Abstract:

The congregation of Missionary Sisters of Divine providence of Gap, consists of a group of nuns which, in the 1990's, developed major social and religious services in the parish church of Our Lady of Conceição do Coité. Thus, the present monography aims at reflecting on the feminine religious life, analyzing the ordination process of nuns and the aftermaths from the Second Vatican Council in the feminine religious life, as well as presenting the sister's congregation by setting a profile of the first nuns which first came to the city as a way of understanding their role and the peculiarities within this group. Additionally, this work deals with the developed activities by the nuns both in the catechetical ministry and in the woman's group from the district of Açudinho. Therefore, this work brings, as its methodological perspective, the oral history, with the participation of six interviewees; besides this methodological device, we used written sources like O Mensageiro Ecoando, a historical book of Our Lady of Conceição do Coité's church, a catechist's personal journal, the Catholic church catechism, as well as other iconographies.

Key words: Sisters of Divine providence of Gap, women, catechesis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

A VIDA RELIGIOSA FEMININA NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ	14
--	-----------

Atuação das mulheres nas atividades internas da Igreja.....	14
Atuação das mulheres nas atividades externas da Igreja.....	17
Pastoral das irmãs: Quem são?... ..	19
Perfis das primeiras irmãs a chegarem ao município	24
Vida religiosa: processo de formação das freiras	28
O Concilio Vaticano II e os reflexos na vida religiosa feminina.....	32

CAPÍTULO II

IRMÃS DA PROVIDÊNCIA DE GAP: AÇÕES RELIGIOSAS E SOCIAIS.....	37
---	-----------

Ação das irmãs na pastoral catequética.....	37
O método e organização da catequese no município.....	44
A contribuição das Irmãs da Providência de Gap ao grupo de mulheres do Bairro do Açudinho.....	48
O projeto do grupo de mulheres.....	50
Pintura: o trabalho desenvolvido pelo grupo de mulheres.....	52
Maria e Eva: A figura feminina nos textos bíblicos.....	54
O papel das mulheres leigas da Gap, normatividade e subversão.....	57

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	60
-------------------------	-----------

FONTES	64
---------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Considerando os estudos relacionados à vida religiosa feminina serem pouco explorados, o presente trabalho tem como objetivo abordar a atuação das Irmãs da Providência de Gap, no município de Conceição do Coité, na década de 90, na busca por perceber o desenvolvimento dos trabalhos religiosos e sociais realizados pelas freiras no período estudado.

O desenrolar desta pesquisa perpassa na década de 90, sendo esse o período que a Congregação das Irmãs da Providencia de Gap chegou ao município e desenvolveu suas atividades tanto no campo religioso como no campo social. A Providência de Gap é uma Congregação que surgiu na região de Gap, na França, em 1762, e se expandiu pelo mundo, chegando à Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité em 1995, e aqui desenvolveu diversas atividades na esfera da educação, saúde e assistência social.

Durante muitos anos, a História escrita pelos homens, excluía as mulheres dos relatos historiográficos, não sendo reservada qualquer atenção para a figura feminina. Segundo Antonio Manuel Hespanha¹, “as mulheres nunca se notavam, não podiam ter cargos, nem tinham prestígios sociais”. As mulheres só eram vistas no mundo doméstico, da medicina popular, da religiosidade marginal, locais esses que elas apareciam com todo esplendor das suas qualidades femininas, obediência e fidelidade.

A presença feminina na dimensão histórica ocorreu de maneira significativa com a terceira geração dos Annales. Mesmo tendo mantido as mulheres fora das preocupações centrais, a Escola dos Annales, ao direcionar as pesquisas do âmbito político para o social, possibilitou estudos sobre a vida privada, a família, as práticas cotidianas etc. Temas esses que possibilitam a inclusão das mulheres na história.

Por tratar de um tema que analisa a vida religiosa feminina, a pesquisa contará com o suporte teórico de autores de linhas de abordagem ligadas especialmente ao gênero. Uma categoria útil para a compreensão dos papéis

¹ Hespanha, Antonio Manuel. Governo, elites e competência social: sugestões para um entendimento renovado da história das elites. In: _____ Modos de governar: idéias e práticas políticas no império português- séculos XVI-XIX. São Paulo: Alameda, p. 41, 2005.

femininos na história das religiões. Tendo como suportes principais Joan Scott e Guacira Louro.

O estudo da história, a partir do uso da categoria de análise de gênero como suporte teórico para investigação, permite-nos compreender como os diferentes discursos sobre as mulheres e homens foram gerados e como participam dessas formações discursivas, enfocando “as tensões e as contradições que se estabeleceram em diferentes épocas”, entre as mulheres e seu tempo, “entre elas e as sociedades nas quais estavam inseridas²”.

Um dos trabalhos pioneiros no estudo das relações entre mulheres e homens foi o de Joan Scott³, intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, referência importante no sentido de introduzir o aspecto relacional da categoria gênero. Para Scott,

minha definição de gênero tem duas partes e várias subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral constitutivo de relação social baseada na diferença percebida entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Assim como afirma Ana Rodrigues⁴, Scott propõe que, na análise de gênero, estejam presentes doutrinas e organizações sociais, ao mesmo tempo em que a noção de político e a subjetividade. Contribuindo com uma abordagem importante para entender como a instituição católica constrói o simbólico sobre a relação entre homens e mulheres, normatiza através de seus documentos e influência no subjetivo, até mesmo dos que não são seus fiéis.

Jardim⁵ ressalta que de acordo com Scott, a adoção da categoria ajuda a entender que os significados não apresentam conteúdos fixos ou universais,

² DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. SP: Contexto, 2005b. p.235.

³ SCOTT, Jean Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS, corpo. 1990.

⁴ RODRIGUES, Ana Livia Vieira. Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica. Salvador, p.30,2007. Dissertação apresentada à UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6435>. Acesso em: 19/10/2016.

⁵ JARDIM, Silvia Regina Marques. Gênero e educação: cruzando possibilidades. Revista *Ártemis*, vol.10, jun 2009, p. 01

podendo variar conforme os grupos sociais ou culturais e de acordo com o espaço e com o tempo. As representações de masculino e as de feminino, por exemplo, não são únicas. Assim, essa categoria pode ser entendida como uma construção social que está em constante processo de transformação conforme os avanços e a ampliação dos estudos. A utilização do gênero como categoria de análise, procura incorporar o estudo relacional entre homens e mulheres, e explicar as persistentes desigualdades entre os sexos.

Guacira Louro ⁶, ao analisar o texto de Scott, afirma que gênero refere-se “à construção social e histórica dos sexos”, neste sentido o gênero foi introduzido para legitimar os estudos sobre a mulher e questionar as desigualdades e hierarquias sobre o sexo. A autora explica o gênero como um dos fatores de diferenciação, da distribuição e da construção de poder. Para ela o conceito foucaultiano de poder está no centro da proposta de Scott. Visto que para Foucault, “o poder não é visto como algo que se detém ou conquista, mas se exerce”⁷. Assim, para entender o poder, é preciso apreender seu caráter relacional.

De acordo com Rachel Soihet⁸, “até a década de 1970, muito se discutiu acerca da passividade da mulher, frente a sua opressão e sua reação apenas como resposta as restrições de uma sociedade patriarcal”. Mas vale salientar que em oposição a essas mulheres excluídas, emerge mulheres ativas a fim de atingir os seus propósitos e ocupar seu espaço na sociedade. Não como mulher submissa ao homem e sim como sujeita da sua própria história.

O uso da categoria de análise de gênero permite-nos compreender os papéis femininos na história da Igreja Católica, aja vista que o estudo da história das mulheres e suas práticas religiosas contribuem para superar a lógica patriarcal da Igreja, atribuída as diferenças e a mulher. Assim podemos,

⁶ LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 101-103, jul. /dez. 1995

⁷ JARDIM, Sílvia Regina Marques. Gênero e educação: cruzando possibilidades. Revista *Ártemis*, vol.10, jun 2009, p. 03.

⁸ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamnarian; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensino de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1992, p. 278.

considerar a história das mulheres uma política de reconhecimento de um grupo com suas histórias de conflito, silêncios, enfrentamento e transgressão.

Nosso enfoque sobre a Igreja Católica, portanto, inicia-se no momento em que essas questões começam a ser levantadas, ou seja, durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), no qual a Igreja se reúne para debater os principais problemas que estão em destaque na sociedade, procurando se atualizar para enfrentar os desafios, faz uma reflexão histórica e teórica sobre o sacerdócio feminino e a igualdade de direitos entre homens e mulheres na instituição. Neste sentido a igreja acabou tomando atitudes conservadoras, mantendo a proibição das mulheres chegarem até a ordenação e mantendo sua atuação restrita à de uma auxiliar apenas do poder masculino.

Ana Rodrigues ressalta que as discussões sobre as mulheres estiveram presentes no Concílio Vaticano II e nas conferências, mas os registros não aparecem nos documentos resultantes de tais eventos. A hierarquia exclusivamente masculina apagou das conclusões os rastros que uma reescrita feminista da História da Igreja tem o interesse de construir. E foi a partir da década de 70, que questões referentes às mulheres ou documentos dedicados a elas passaram a fazer parte da Igreja Católica e se tornaram mais intensos nos anos posteriores. Isso é verificado em um contexto pós Vaticano II, nas conferências de Medellín e Puebla.

A estrutura hierárquica da Igreja não permitia a participação de mulheres nas decisões de poder. Diáconos, padres, bispos, cardeais e o próprio bispo deveriam ser do sexo masculino. Mesmo não ocupando os cargos centrais na Igreja, as mulheres se destacavam nas atividades, nas coordenações dos grupos e pastorais, ou seja, mesmo não estando no poder central da igreja as mulheres conquistavam outros espaços de poder, o simples fato da limpeza e da ornamentação, as lideranças de grupos, por exemplo, não deixam de ser espaços de poder e disputa.

Pela conjuntura da Igreja, as mulheres poderiam assumir duas categorias: a de leigas (fiéis), ou de religiosa que levavam a vida consagrada. Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da Sagrada Ordem ou do Estado Religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis

que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, exercem a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo⁹. Por outro lado, o estado da vida religiosa consagrada aparece, portanto, como uma das maneiras de conhecer uma consagração “mais íntima”, na vida consagrada, os fieis propõem doar-se a Deus acima de tudo, procurando alcançar a perfeição da caridade¹⁰.

A ampliação do conceito de fontes nos estudos históricos passou a enfatizar e a utilizar em larga escala as representações na construção do conhecimento. Segundo Roger Chartier¹¹:

a noção de representação pode ser construída a partir das acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo.

Nesse sentido a forma como o indivíduo vê a si mesmo e o mundo em que está inserido se distancia cada vez mais da antiga busca por uma realidade histórica do sujeito, na verdade nada mais é do que uma construção cultural. Logo, numa visão qualitativa atual, o papel do historiador não tem sido contar a verdade sobre um fato, mas conhecer diferentes verdades e entender como essas foram construídas pelo sujeito histórico.

Já houve muitas classificações para a expressão história oral. Alguns já a classificaram como método, técnica e teoria¹². No entanto, há um consenso no meio acadêmico em classificar a mesma como uma metodologia de pesquisa. Conforme Verena Alberti¹³,

a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a

⁹ Catecismo da Igreja Católica, pág. 257.

¹⁰ Ibid.

¹¹ CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, p. 23.

¹² PENNA, Rejane Silva. *Fontes orais e historiografia: avanços e perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005, p. 235.

¹³ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi(Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155.

invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente¹⁴.

Sendo assim, a escolha de história oral como opção metodológica valoriza a pesquisa, uma vez que este procedimento “possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores”¹⁵ e dá espaço aos sujeitos anônimos da História na produção, articulando suas narrativas aos contextos e elementos do objeto da pesquisa.

Para a realização desta pesquisa torna-se fundamental discutir o conceito de memória, já que se utilizou de fontes orais - as lembranças das irmãs da providencia de Gap e das demais entrevistadas em relação a atuação das mesmas nas atividades religiosas e sociais. Assim, “entende-se por memória um sentimento único e particular de cada sujeito, pois cada pessoa transmite uma especificidade própria ao evocar suas lembranças e recordações”¹⁶. Neste sentido a história oral e a memória foram importantes para a realização da pesquisa, visto que, possibilitaram o cruzamento das fontes e enriqueceu as discussões do trabalho.

Como opção metodológica será utilizada a História oral, por conta da possibilidade do cruzamento, análise e interpretação dos depoimentos, além de documentos escritos como: Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, Catecismo da Igreja Católica, O Mensageiro, documentos da CNBB, o Ecoando, caderno da catequista e iconografias os quais compreendem a temática e o período estudado. As fontes orais e escritas contribuíram de forma significativa para o processo de análise e construção da pesquisa. Os depoimentos orais e os documentos escritos foram refletidos por meio da leitura de obras e trabalhos científicos, que tratam tanto das metodologias de pesquisa historiográfica empregadas no trabalho, quanto do tema em questão.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 18, 1992.

¹⁶ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

Como fontes orais, foram entrevistadas seis pessoas, entre elas três fazem parte da congregação das irmãs da providencia de Gap, a Irmã Luzia Bueno, Irmã Marina Roseli e Irmã Antonia, uma catequista, Amélia Santos, e duas mulheres que atuaram no Grupo de Mulheres do período analisado, Bernadete Gonçalves e Eremita Alves.

A pesquisa está estruturada em dois capítulos. O primeiro visa salienta as atividades realizadas pelas mulheres no contexto interno e externo da Igreja Católica, analisando a atuação feminina, a partir das mulheres leigas nas pastorais e movimentos de mulheres na paróquia Nossa Senhora da Conceição. Em seguida será abordado o contexto histórico da Congregação das irmãs da Providência de Gap, e o perfil das primeiras irmãs a atuarem no município. Por fim, será analisado o processo de formação das freiras e os reflexos do Concílio Vaticano II na vida religiosa feminina.

No segundo capítulo será analisada a atuação das Irmãs da Providência de Gap na Pastoral Catequética e a formação do Grupo de Mulheres no bairro do Açudinho, no município, enfatizando as mudanças ocorridas com a participação das freiras nestes grupos.

CAPÍTULO I

A vida religiosa feminina na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité.

Na paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Coité era visível que a grande obra de Evangelização da Igreja se sustentava no trabalho das mulheres, pois, elas eram catequistas, ministras extraordinárias da comunhão, cantoras, membros das pastorais, coordenadoras das comunidades eclesiais de base (CEB's) e movimentos, além de serem as responsáveis pela limpeza e ornamentação da igreja.

A participação dos leigos e das leigas como agentes de Pastoral na Igreja Católica, era cada vez mais insistente e constante. Preocupada com essa participação, a Igreja insistia na formação para os leigos e as leigas que assumiam um trabalho pastoral. A perspectiva, no ano de 1997, da Paróquia de Conceição do Coité, era levar à prática a prioridade da formação desses (dessas) agentes de pastorais com encontros freqüentes¹⁷. Com isso percebemos a preocupação da Igreja em formar homens e mulheres para assumirem a coordenação das pastorais da criança, catequética, AIDS e saúde.

Atuação das mulheres nas atividades internas da Igreja.

As mulheres católicas atuavam nas pastorais e grupos de oração, coordenavam os encontros, ministravam palestras, faziam reuniões semanais e catequizavam crianças e adultos. É importante ressaltar a visível participação das mulheres nas diversas atividades promovidas pela Igreja Católica.

No Brasil, no início da formação das comunidades eclesiais de base, em meados de 1968, muitas mulheres iniciaram sua participação ativa dentro da Igreja. Faustino Teixeira ressaltava a crescente intervenção das mulheres na vida das CEBs, apesar de encontrarem resistência à sua atuação devido à tradição machista. E afirma:

¹⁷ Informação retirada do O Mensageiro, março de 1997, p.04.

As mulheres nas comunidades realizam um trabalho de base, um trabalho celular, de sustentação do ânimo comunitário, de estabelecer contatos entre as famílias, promoção local de encontro de conscientização permanente; bem como marcam sua presença nas ações mais amplas de reivindicação, resistência e organização popular. Atuam com dedicado empenho na catequese, nas celebrações, na preparação dos sacramentos, nos grupos de base, nos clubes de mães, na pastoral operária, etc. Participam igualmente das decisões comunitárias, em certos lugares, nos organismos de planejamento e coordenação pastoral. É verdade que encontram ainda resistência por parte de uma tradição machista que ainda não se abriu devidamente à questão da participação ativa da mulher. Entretanto, o movimento mais forte veio no sentido de sua progressiva valorização. As mulheres vão assim impondo na prática e evidenciando sua condição de sujeitos na vida comunitária e eclesial, como igualmente explicitando que sua libertação não se realiza principalmente e a partir de considerações sobre igualdade de sexos, mas a partir de uma práxis comum de homens e mulheres por uma libertação integral.¹⁸

Sendo assim, a grande importância dos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) para a atuação das mulheres na Igreja, não se tratava apenas da luta por direitos na sociedade, mas pelo reconhecimento da sua dignidade humana e de sua grande contribuição para a Igreja. A participação das mulheres na CEB's, afirmava a sua autonomia individual, pois elas se engajavam em movimentos sociais e aprendiam a reivindicar e defender os seus direitos. Como afirma Cristian Miranda¹⁹:

as Comunidades Eclesiais de Base eram o principal espaço de engajamento e de protagonismo dos leigos, seus membros promoviam atividades comunitárias, sociais e políticas, apoiavam os movimentos populares, como também a defesa de seus direitos.

Essas comunidades oportunizaram às mulheres pensarem em sua singularidade e, principalmente, o direito à igualdade. Haja vista, que era uma

¹⁸ TEIXEIRA, Faustino. [et al.] **CEBs, cidadania e modernidade: uma análise crítica**. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 133.

¹⁹ MIRANDA, Cristian Barreto de. **REBULIÇÃO NO CORETO: Conflito entre padres e políticos em Conceição do Coité (1989-2000)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, p.94, 2012.

forma utilizada pelas mulheres para adquirirem empoderamento, revelando assim um aspecto de luta por meio da religião. As celebrações coordenadas por elas, em lugar da missa, dão-lhes de certa forma uma relativa autonomia. As mulheres se faziam presentes, sendo força viva na Igreja, eram corajosas, prestativas, dedicadas e fieis ao compromisso e missão cristã.

Outra atividade das mulheres frente à Igreja se dava nas comemorações de Maio:

Como ocorre anualmente, nossa Paróquia celebrou o mês de maio todas as noites e no dia 31 aconteceu o encerramento (ou a coroação de Nossa Senhora), foi a apoteose de sempre: igreja superlotada, crianças e adultos rezando, cantando...quanta emoção!²⁰

Nessa ocasião no mês de maio, chamado pelos fiéis de mês mariano, aconteciam celebrações todas as noites, em louvor a virgem Maria, e no encerramento acontecia a coroação da imagem de Nossa Senhora, era um momento de muita emoção, pois crianças vestidas de anjo faziam a coroação e logo após, os fiéis²¹ colocavam rosas aos pés de Maria. As mulheres eram as responsáveis pela organização e animação de todas as noites.

No final de novembro, inicia na paróquia o novenário em louvor a Nossa Senhora da Conceição, com o encerramento no dia 08 de dezembro, a festa sempre foi o momento mais forte no que diz respeito às práticas devocionais dos fiéis católicos, e desde sempre atraiu milhares de pessoas para a sede no município. A festa acontecia com a ajuda dos fiéis, sobretudo das mulheres, sendo que “Todos os trabalhos para a festa têm a marca do serviço voluntário”²². Assim, as mulheres se destacam nestes trabalhos, dedicando seu tempo a serviço da igreja, elas ajudavam na organização dos ritos das celebrações como as procissões, os cânticos e animação da festa, contribuem com doações de comidas e bebidas para serem vendidos nas barracas. As mulheres também eram responsáveis pela limpeza da igreja:

²⁰ Mensageiro, junho de 1999.

²¹ Indivíduos que seguem e propagam os ensinamentos de uma determinada religião, geralmente se refere às religiões de origem cristã. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/> . Acesso em: 23/03/2016

²² Mensageiro 1997.

A Igreja matriz esteve mais arrumada, mais limpa e mais bonita, é claro, graças ao esforço das Amantes do templo e das suas ministras no seu trabalho silencioso e constante de serviço ao templo.²³

É notório que, mesmo dedicando seu tempo as atividades da Igreja, as mulheres não tinham espaços privilegiados, nos eventos da Igreja elas só se destacavam nas atividades de base, como a limpeza. Nesse sentido, podemos citar o *Amantes do Templo* que era um grupo de mulheres responsáveis pela limpeza e arrumação da igreja, nos períodos das festas juntavam-se a elas outras mulheres para ajudar na ornamentação da igreja, nesses momentos as mulheres eram mais lembradas como responsáveis por deixarem a igreja limpa e arrumada, mas as mulheres eram as principais responsáveis pela organização dos festejos, entretanto os momentos de destaque ficavam apenas para os homens.

Vale ratificar que, a mulher leiga era a principal mediadora da evangelização entre o clero e o povo. Pois, dela dependia o sucesso dos trabalhos pastorais, pela dedicação e compromisso nas atividades, mas apenas os homens eram reconhecidos pela igreja como líderes das atividades. Contudo, a realização dessas atividades pelas mulheres, de certa forma, proporcionava-lhes um poder não instituído, legalizado e visível como dos homens, mas de poder. Conforme disse Hespanha, “quando o poder se capilariza, as suas manifestações, a legitimidade para mandar e a disponibilidade para obedecer, passam a ser outras²⁴”.

Atuação das mulheres nas atividades externas da Igreja.

As mulheres têm uma atuação histórica nos movimentos e de atividades fora da igreja. Na década de 90 era muito visível essa atuação nos festejos do dia da Mulher, comemorados na paróquia com celebrações seguidas de

²³ Mensageiro 1998

²⁴ Hespanha, Antonio Manuel. Governo, elites e competência social: sugestões para um entendimento renovado da história das elites. In: _____ Modos de governar: idéias e práticas políticas no império português- séculos XVI-XIX. São Paulo: Alameda, p. 41, 2005.

passeatas, peças teatrais e outras atividades, promovidas com a parceria da Igreja Católica e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais:

Dia 08/03/1999 aconteceu em Coité a celebração do dia internacional da mulher, promovida pelo pólo do sisal, com apoio da APAEB, do MOC, do sindicato dos trabalhadores rurais de Coité, Valente e Retirolândia e a Igreja Católica.²⁵

Com isso os festejos do dia da Mulher contavam com a grande presença das trabalhadoras rurais do município e dos municípios vizinhos. O destaque dessas comemorações é que eram preparadas e presididas pelas mulheres. As passeatas que aconteciam era uma forma das mulheres protestarem por melhorias no trabalho, qualidade de vida e direito iguais entre os gêneros.



Figura 01 - Passeata dia Internacional da Mulher, em 08 de março de 1995²⁶.

A imagem mostra as mulheres com faixas em manifestação na Praça da Matriz, em comemoração ao dia da mulher, lutando por qualidade de vida e educação. Assim, além dos festejos sociais, as mulheres atuavam em pastorais

²⁵ Mensageiro, março de 1999.

²⁶ Imagem retirada do mensageiro, datado Março de 1999, arquivo da paróquia Nossa senhora da Conceição do Coité.

sociais²⁷, como a Pastoral da Saúde, que tinha como objetivo ajudar os doentes, fazendo visitas e orações nas casas e nos hospitais. Atuavam também na Pastoral da Criança, acompanhando as crianças desde o ventre da mãe até 06 anos de vida, com o objetivo de orientar e acompanhar o desenvolvimento da criança.

Era no cotidiano que as mulheres atuavam e encontravam potencialidades de exercerem diversas atividades na Igreja Católica. Para Michel de Certeau²⁸, “muitas práticas cotidianas são do tipo táticas”, então o estudo destes elementos se faz importante para compreender os mais variados aspectos da vida cotidiana dos indivíduos e suas formas de “antidisciplina”. No entanto era nestes espaços, que as mulheres construía uma identidade social. Roger Chartier acrescenta:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas²⁹.

Porém as mulheres, mesmo não sendo o poder central da Igreja, lutaram por seu espaço, através das atividades desenvolvidas no seu cotidiano e das práticas religiosas e sociais. Assim, devemos compreender a mulher na história como um sujeito que sofreu fortes pressões para o desenvolvimento social, controlado e submisso, mas que, no entanto foram capazes de aproveitar as brechas oferecidas pelo sistema social e buscar seu próprio posicionamento.

Pastoral das Irmãs: Quem são?

“A providência vos conduzirá”.
J.M.Moye

²⁷ São serviços específicos a categorias de pessoas e/ou situações também específicas da realidade social. Disponível em: <http://marista.edu.br/evangelizacao/files/2012/08/Cartilha-Pastoral-Social-CNBB.pdf>. Acesso em: 23/03/2016

²⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, p. 47, 1994.

²⁹ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, p.17, 1988.

A Congregação das Irmãs da Providência de GAP nasceu na França, foi criada pelo sacerdote francês João Martinho Moye, em 1762. Em suas missões percebeu as dificuldades enfrentadas pelas crianças nas aldeias de Matz, nordeste da França, pois não eram alfabetizadas e não tinham condições de se promoverem na vida, viviam na simplicidade e pobreza. Com o objetivo de ajudar essas crianças, o padre convidou jovens das cidades para ensinarem as crianças das aldeias a ler, escrever e lhes proporcionar uma formação religiosa. Margarida Lecomte foi a primeira jovem simples, dedicada e corajosa, que junto com outras companheiras começaram uma nova família na Igreja, viviam com tanta simplicidade, tão pobres que o povo começou a chamá-las de Irmãs da Providência.³⁰

É interessante ressaltar que à medida que foram vivendo junto do povo, o próprio povo foi quem lhes deu o nome: “Irmãs da Providência”. De Gap: região dos altos alpes da França de onde vieram as irmãs para o Brasil. A Congregação é formada por cinco ramos (Saint Jean de Bassel, Sto. Anto. Texas, Champion, Gap e Rebeauvilé), essas ramificações existem de acordo com a região que cada grupo de irmãs se desenvolveu.

³⁰ Informação retira do livro: missionários e missionários da providencia. Ano missionário da providencia, 2009

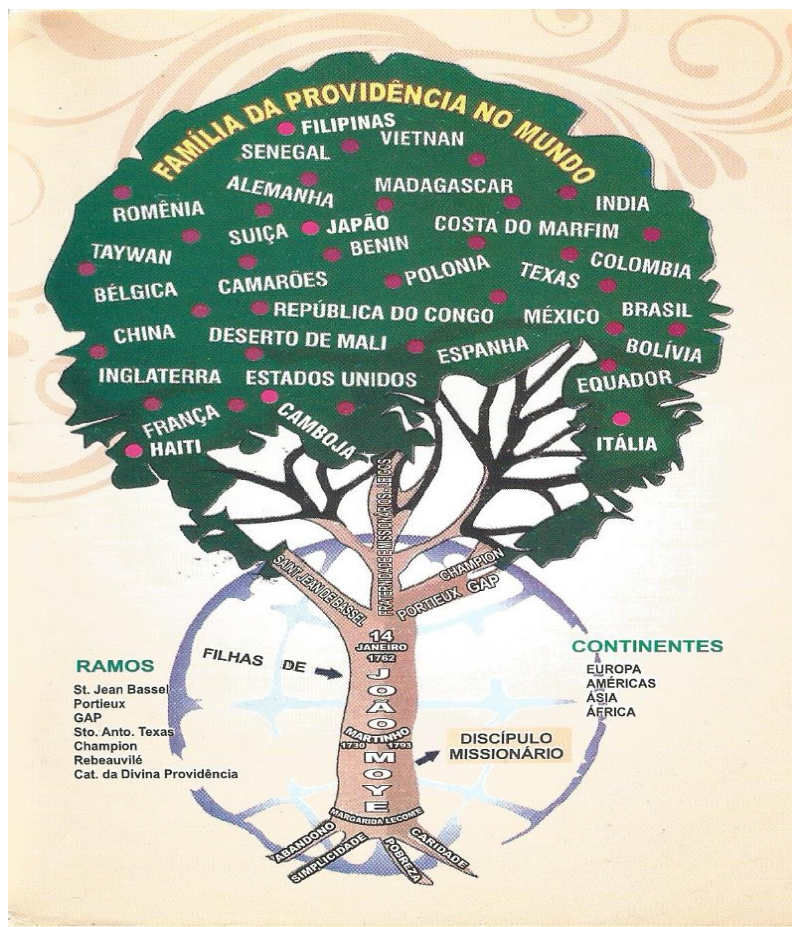


Figura 02- Árvore da família providência no mundo.

A imagem exemplifica como a Congregação está espalhada territorialmente, sendo que a base da árvore, ou seja, na raiz está o carisma que é seguido pelas irmãs, no caule está o nome do fundador da Congregação, em seguida vêm os ramos onde desenvolveram os primeiros grupos de freiras que originou a Congregação que assim como as folhas se espalharam pelo mundo.

Em decorrência da Primeira Guerra Mundial, em 1904, o governo francês mandou fechar as escolas católicas, as Irmãs da Providencia de Gap fecharam 73 escolas. Diante deste fato, as irmãs Maria Rafael, Fernanda, Maria Isabel, Marcial, Eugenia e Valeria deixaram sua terra e vieram para o Brasil, a convite de D.Nery, bispo de Pouso Alegre, Minas Gerais, estalaram-se na cidade do Carmo do Rio Claro-MG, isto se deu no dia 28 de junho. Foi muito difícil o período de adaptação por causa da língua e da cultura. “Tinham como lema “Deus só e sempre avante”. A Congregação consolidou-se no Brasil a

partir de 1925, coordenada pela Mére Rosa de Lima, e a congregação se espalhou pelo Brasil”³¹.

No Brasil, a Congregação ficou estabelecida em duas províncias, a leste com sede em Itajubá-MG, com obras nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia. E a sul, com sede em São Paulo, com obras nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal. Assim, percebemos que a Congregação está espalhada por todo Brasil.

Em 1987 foi apresentado um projeto para a criação de um Regional no Nordeste atendendo às necessidades particulares locais e aspirações missionárias de algumas irmãs³². Com isso, as Irmãs da Providência de Gap, chegaram na Paróquia de Conceição do Coité, no dia 19 de Janeiro em 1995. Irmã Luzia Bueno da Silva, a primeira freira a chegar ao município, relata como se deu essa vinda:

As irmãs da Providência não escolheram propriamente Conceição do Coité. A nossa vinda para Conceição do coité aconteceu da seguinte maneira: Eu morava em Feira de Santana. Foi criada uma equipe missionária de formação dos Leigos na Diocese. Eu fazia parte. A primeira cidade escolhida para esta formação foi aqui. Eu vim com a equipe. Chegando aqui quando me apresentei ao grupo, na secretaria da Paróquia, então Ivonete perguntou-me por que aqui não havia Irmãs se em vários lugares já haviam. Como a Congregação procurava uma cidade para fazer a casa de formação inicial para as jovens que desejassem conhecer melhor as Irmãs, Eu as comuniquei sobre Coité. Diante disto, e de um grande e fraterno convite feito pelo Padre Luiz Rodrigues, então Pároco desta paróquia, outras Irmãs vieram e viram que aqui seria um lugar bom. E o povo era muito acolhedor³³.

A partir da entrevista, observamos que não existiam freiras no município e a convite do padre Luiz Rodrigues, as Irmãs da Providência de Gap vieram com o objetivo de fazer formação de jovens com o desejo de iniciar a vida

³¹ Entrevista concedida dia 21/05/2015

³² AZZI, Riolando. Irmãs da Providencia de Gap, atuação brasileira. Itajubá, MG, p. 287, 2005.

³³ Entrevista concedida dia 21/05/2015

religiosa. Neste sentido, Cristian Miranda³⁴ salienta que “padre Luiz Rodrigues, sempre demonstrou interesse de integrar as religiosas na vida cotidiana da comunidade eclesial e de conhecer a sua realidade”, ou seja, as Irmãs da providência de Gap, receberam ajuda e apoio do pároco, para desenvolverem suas atividades no município, evidenciando assim uma relação colaborativa entre o Padre Luiz Rodrigues e as freiras.

O principal objetivo das Irmãs era ter aqui uma comunidade missionária de formação, para acolher jovens com o desejo de seguirem a vida religiosa. Ainda sobre a chegada ao município, Irmã Luzia acrescenta:

Ao chegar foram assumindo as Pastorais que o Pároco e a comunidade Eclesial iam solicitando. Normalmente entraram na catequese e formação de jovens, pois isto faz parte de nosso carisma. Profissionalmente ingressaram nas escolas, pois eram professoras e faz parte de nossa vida trabalhar profissionalmente³⁵.

Sendo assim, as Irmãs ao chegarem ao município contaram com ajuda do pároco e dos fiéis, para orientação na realização de atividades paroquiais e profissionais. Para a Irmã Luzia, a dificuldade encontrada foi “apenas na questão de adaptação a comunidade, casa e trabalho, pois cada povo tem um jeito de viver”. Mas aos poucos, as irmãs foram se adaptando e desenvolvendo trabalhos nas pastorais e movimentos.

As freiras atuaram nos serviços diocesanos e paroquiais, na coordenação e assessorias. Trabalham com a catequese e ensino religioso, escolas bíblicas, pastorais vocacionais, juventude e criança, além de atuarem na promoção social, assessoria de movimentos. Riolando Azzi salienta que:

Através destas atividades apostólicas, as Irmãs se realizam religiosa e profissionalmente, obtendo os meios de subsistência para a sobrevivência de suas comunidades. O ganha pão de cada dia se faz na responsabilidade das tarefas exercidas na independência

³⁴ MIRANDA, Cristian Barreto de. **REBULIÇÃO NO CORETO**: Conflito entre padres e políticos em Conceição do Coité (1989-2000). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, p.87, 2012.

³⁵ Entrevista concedida dia 21/05/2015

financeira, autonomia e bom senso. Recebem salários e aposentadorias³⁶.

Desta forma, a Congregação das Irmãs da Providência de Gap, tem autonomia financeira, pois além do trabalho religioso elas exercem uma profissão: muitas são professoras, enfermeiras, psicólogas, trabalhos sempre voltados para a educação, a saúde e a assistência social.

As Irmãs da Providência de Gap, seguem engajadas na missão a qual foram enviadas como discípulas, peregrinas e geradoras de esperança, junto aos mais pobres, das famílias desestruturadas, a juventude em busca da educação e as pessoas idosas e dependentes, vivendo em solidariedade ao próximo, com compaixão e misericórdia.

Perfis das primeiras irmãs a chegarem ao município

Para compreendermos a atuação, e as particularidades do grupo das irmãs da Providência de Gap, será de suma importância conhecer o perfil das primeiras irmãs a atuarem no município.

A Irmã Luzia Bueno da Silva³⁷, tem 73 anos, nasceu em Conceição do Ouro, Minas Gerais. Esta foi a primeira irmã que conheceu a cidade Conceição do Coité. Passando um curto período e logo após chegaram as outras irmãs.

Entregou-se a vida religiosa consagrada por que um dia ouviu o chamado, era ainda muito jovem e queria estudar, não havia escola de segundo grau onde morava, assim foi para o colégio das Irmãs da Providência em Silvianópolis-MG, e assim que foi percebendo este chamado, sempre orientada pelas Irmãs o “fogo do Chamado” foi crescendo e descobriu que este era seu caminho. Em fevereiro de 1965, já professora, concursada no estado de Minas gerais, partiu na entrega total a Serviço do Reino de Deus.

Sempre trabalhou na formação Bíblica – Teológica e Moral dos leigos (as) de todas as idades. Não só em Coité, mas em toda a Região Sisaleira. Na área social trabalhou na orientação no cuidado do Planeta, reflexão sobre os

³⁶ AZZI, Riolando. Irmãs da Providencia de Gap, atuação brasileira. Itajubá, MG, p. 281, 2005.

³⁷ Entrevista concedida dia 21/05/2015

direitos e deveres de cada um na sociedade, na Igreja a orientação e organização do Grito dos Excluídos celebrado no dia 07 de Setembro.

Uma das primeiras a chegar na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité e assumir a sua missão foi Irmã Antônia Sodré de Sousa³⁸ tem 65 anos, licenciada em Biologia atuou de 1995 a 2005.

A motivação da Irmã Antônia para seguir a vida religiosa era por atuar na área de Educação e Evangelização, em lugares bem carentes. No município de Conceição do Coité, sua primeira missão foi trabalhar na formação para jovens que desejavam entrar para a vida religiosa.

Trabalhou no Colégio Estadual Yêda Barradas Carneiro, na qual era lotada e no Educandário Divino Mestre, escola particular onde foi contratada, em ambas escolas ela era professora e recebia salário. Na área religiosa atuava nas comunidades rurais e da cidade, na evangelização e catequese, a irmã assumiu a coordenação da Pastoral Catequética com o objetivo de organizar o trabalho da catequese no município, pois “antes da chegada das irmãs a catequese não tinha um planejamento a ser seguido, a irmã deu uma cara nova a catequese”³⁹. Sendo assim, as catequistas passaram a ter formação para melhor desenvolverem seu trabalho e a catequese passou a seguir uma metodologia e ter uma organização estrutural, com a divisão de turma por bairro.

Procurava ajudar as necessidades das comunidades, seja na questão de moradia, saúde e aconselhamento nas famílias. Por estarem em comunidade, as Irmãs ouviam e viam as necessidades das pessoas, e assim ajudava de acordo com a necessidade de cada um. Sendo que o lema da congregação consiste principalmente em ajudar os mais necessitados.

³⁸ Entrevista concedida dia 02/05/2016

³⁹ Catequista entrevistada dia 05/08/ 2015



Figura 3 - Irmã Antonia dando aula de matemática para jovens do bairro do Açudinho. ⁴⁰

A imagem mostra, irmã Antônia atuando na alfabetização de mulheres no bairro do Açudinho, ela usava a própria casa para dar aula de matemática e outras disciplinas. Outra atividade que ela assessorava eram os encontros das Ceb's e participava dos eventos sociais como Grito dos Excluídos e eventos envolvendo as causas sociais.

⁴⁰ Imagem concedida pela Irmã Luzia Bueno.



Figura 4 - dia da chegada acolhimento das irmãs .⁴¹

A imagem mostra a celebração eucarística em ação de graças pela chegada das Irmãs na capela Cristo Redentor, bairro do Açudinho, muitos fiéis prestigiaram esse momento, com muita alegria. A irmã Antonia, estava em destaque sentada nas primeiras cadeiras, com blusa branca e saia marrom.

A outra irmã que chegou ao município junto com a irmã Antônia foi a Irmã Marina Roseli dos Santos⁴², tem 58 anos, chegou à paróquia em 1995. Fez o Magistério e depois cursou Ciências Sociais na FAFITO, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Teófilo Otoni, também em Minas Gerais.

Logo cedo engajou-se na catequese e grupo de jovem, foi na Pastoral da Juventude que se conscientizou para o compromisso na comunidade e sociedade. Ainda na adolescência sentia que era chamada para uma dedicação mais radical aos pobres, a uma vida diferente. Desejava estar a

⁴¹ Imagem concedida pela Irmã Luzia Bueno.

⁴² Entrevista concedida dia 04/05/2016.

serviço dos pequenos e em lugares mais carentes. Participando da comunidade, da Pastoral da Juventude, conheceu as Irmãs da Providência e pediu para ser acompanhada por elas.

O processo para entrar na Congregação foi de mais ou menos cinco anos. Nesse tempo foi assumindo mais compromissos com a comunidade do Bairro onde morava. Atuou na Paróquia de Conceição do Coité nos anos de 1995 e 1996. Um tempo curto, mas intenso. Nesse período assumiu atividades religiosas como: catequese, juventude, mulheres, formação de lideranças da cidade e zona rural e outras atividades solicitadas na Matriz, no Açudinho e comunidades rurais.

Quanto as atividades sociais formou um Grupo de Mulheres, a partir do estudo bíblico semanal. Eram reuniões para estudar e refletir a mulher na bíblia, com isso surgiu a oportunidade do curso de pintura para as mulheres. Era mais uma oportunidade para conversas, partilha de vida, conscientização e também um alternativa de sobrevivência, pois os trabalhos manuais seriam vendidos para ajudar nas despesas das famílias.

Vida religiosa: processo de formação das freiras

A vida religiosa feminina, desde os tempos coloniais, apresentava três virtudes máximas para atingirem o caminho da perfeição: obediência, pobreza e castidade. Segundo Leila Algranti:

Para o bom funcionamento e harmonia da vida comunitária, a obediência era o primeiro aspecto a ser respeitado. O voto de obediência sempre foi considerado o mais importante dos três votos (...); pelo voto da pobreza oferece a Deus os seus bens e riquezas; pelo voto da castidade oferece seu próprio corpo; mas pelo voto da obediência oferece a Deus a sua vontade, seu juízo e a si mesmo (...)⁴³.

Sendo assim, a formação da vida religiosa além de ser um caminho longo tinha suas normas para serem seguidas. As irmãs da Providência de

⁴³ ALGRANTI, L. M. Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. UnB, p. 198, 1993.

Gap, por exemplo, seguem o carisma que consiste em servir a Deus através de vivências e ações, procurando ser sinal da Providência, dom de Deus para o povo, num espírito de simplicidade, caridade e pobreza. Max Weber define por carisma:

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos, ou então se a toma como pessoa enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder”⁴⁴.

Por conseguinte, a Igreja em sua condição de depositária e administradora de um carisma de função, define os carismas como graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, tem uma utilidade eclesial, pois são ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo⁴⁵. Por isso, a congregação das irmãs da Providência de Gap, segue o carisma, o qual pode ser considerado como uma forma de poder e de conquista para o trabalho religioso e social dessas mulheres. Pois, ao seguir o carisma, ou seja, viver na simplicidade, na pobreza e praticando a caridade, elas ganham espaço e visibilidade perante a sociedade.

As jovens que tivessem o desejo de seguir a vida religiosa precisavam passar por etapas de preparação pessoal e espiritual, que se alicerçam em etapas específicas da formação religiosa. Na vida religiosa feminina, Gossi defende que vocação:

É na realidade uma inculcação, e o que parece escolha é na verdade condicionamento. Isto é, as vocações religiosas são construídas socialmente pelos representantes institucionais da igreja aliados a condições reais da família e das comunidades. As vocações não surgem espontaneamente, são frutos de

⁴⁴ WEBER, Max. Os tipos de dominação e Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: _____. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensível. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da UnB, vol. I, p.158,159, 2000.

⁴⁵ Catecismo da Igreja Católica, p. 231

necessidades materiais e simbólicas, tanto individuais quanto coletivas⁴⁶.

No entanto, por outro viés, as vocações⁴⁷ religiosas podem ser consideradas de cunho social, seja pela Igreja, instituição eclesiástica, que precisa de pessoas para realizar a evangelização, bem como pelas famílias, que prometem um de seus filhos a vida religiosa. Sendo que, a base promissora para as vocações são as famílias, considerado o primeiro espaço preparatório das futuras gerações religiosas.

A vida religiosa feminina desenrola-se em três períodos: o primeiro é a formação das futuras freiras, que consiste no período de conhecimento, processo de construção da identidade das futuras freiras. Assim Gossi⁴⁸ destaca “O primeiro período da vida religiosa comporta etapas rigidamente demarcadas - o aspirantado, o postulando e o noviciado – etapas que antecedem a entrada oficial na Congregação, através do ritual dos primeiros votos”. A autora acrescenta que, “a duração do aspirantado é de um ou dois anos, a do postulado de nove meses e o noviciado dura dois anos”⁴⁹. Com isso percebemos que a preparação da jovem que deseja ser freira é feita por etapas e cada uma destas possui uma importância, pois são momentos de reflexão e construção de conhecimento sobre a vida religiosa.

O segundo momento é o de vida ativa das freiras, elas vão pôr em prática todo o aprendizado, buscando praticar os três votos: a obediência⁵⁰, a castidade⁵¹ e a pobreza⁵². E o terceiro momento é a velhice, neste período as freiras já estão liberadas de grande parte das obrigações religiosas.

⁴⁶ GROSSI, Mirian Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, 1990.

⁴⁷ Weber apresenta a idéia de vocação como convicção pessoal e seu trajeto histórico. Retirado de: BASSO, S. E. O. O conceito de vocação em Max Weber. Akrópolis, Umuarama, v. 14, nº. 1: jan./mar., 2006.

⁴⁸ GROSSI, Mirian Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, 1990.

⁴⁹ GROSSI, Mirian Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, 1990.

⁵⁰ O voto da obediência é submeter-se aos superiores legítimos como representantes da autoridade divina. Nada pedir, nada negar, nada desejar e nada temer (SEEBOCK, 1932)

⁵¹ O voto da castidade está alicerçado primeiramente na renúncia do matrimônio, é para a alma da religiosa inestimável honra de ser esposa de Jesus Cristo (SEEBOCK, 1932).

Neste contexto, a irmã Luzia Bueno, relata as etapas de preparação das irmãs da Providência de Gap:

“a primeira etapa é a jovem sentir o chamado de Deus, este vem de diferentes formas. Essa jovem deve alimentar este chamado, participando das atividades eclesiais e dos encontros vocacionais. Se a jovem sente mesmo o chamado passa a conhecer as diversas Congregações e assim ela pode escolher a que mais responde ao seu desejo, e começa a ser acompanhada por alguma Irmã. Participa dos encontros que chamamos de Aspirantado, de 6 meses a um ano. Depois começa a segunda etapa - Postulantado mais ou menos um ano ou mais, depende da caminhada da jovem. Depois, começa o noviciado que são 2 anos, o primeiro ano é chamado de Canônico, a jovem passa na casa de formação em estudo, reflexão, oração e fazendo trabalhos de pastoral. No segundo ano ela vai para alguma missão e faz o seu estágio pastoral em outra comunidade.⁵³

Partindo dessa premissa percebe-se que para ser freira, torna-se indispensável essa preparação, pois auxilia as futuras freiras na caminhada, por serem etapas de aprendizados e experiências. A irmã Luzia fez questão de deixar claro que, após a etapa de formação, a jovem tem total liberdade de escolha, se deseja continuar ou não seguindo a vida religiosa e assumindo a sua missão, assim:

Livremente pede por escrito para fazer os primeiros Votos religiosos de Obediência, pobreza e castidade. Ela é enviada para alguma missão em uma comunidade no Brasil, segue a vida normal, estudando, exercendo uma profissão. Cada ano renova os votos isto entre 3 e 7 anos, elas podem fazer os votos perpétuos, quer dizer para o resto da vida.⁵⁴

Assim o período de preparação da vida religiosa são etapas de muitas descobertas, reflexões, estudos, provas e discernimentos da personalidade das futuras freiras. Esse também é o momento de reflexão sobre o desejo de seguir a vida religiosa, pois a jovem passa a conhecer a realidade de uma freira e

⁵² O voto da pobreza sacrifica o direito a propriedade, a disponibilidade de bens e recursos materiais próprios (SEEBOCK, 1932).

⁵³ Entrevista concedida dia 21/05/2015

⁵⁴ Ibid

perceber as dificuldades e mudanças que precisam ser feitas. Sendo que a vida dessas religiosas era marcada pela simplicidade, pelo espírito de pobreza e pelo amor aos irmãos e irmãs de caminhada, pois seu trabalho estava sempre voltado para as pessoas carentes que necessitavam de ajuda, seja em relação à saúde, educação e à qualidade de vida.

O Concílio Vaticano II e os reflexos na vida religiosa feminina

A década de 60 foi palco de importantes transformações que afetaram a Igreja católica. Essas mudanças estão relacionadas à realização do Concílio Vaticano II, que tinha o objetivo de renovação pastoral, definindo diferentes parâmetros da vida religiosa, direcionando a atuação junto à sociedade.

Nesse contexto, Maria José Nunes destaca que a partir de um documento do Concílio Vaticano II, foi elaborado o capítulo de renovação, um outro documento sobre a vida religiosa, com o objetivo de estabelecer normas, determinando que cada ordem religiosa promovesse uma reunião para a reelaboração das leis internas que regem a vida dos grupos. Neste sentido, Irmã Luzia⁵⁵ salienta que a partir das conclusões do Concílio Vaticano II, as Congregações foram convidadas a rever suas Constituições (...), para melhor responder ao momento histórico e adaptassem as realidades. Com esse documento aconteceram algumas mudanças nas congregações religiosas femininas.

Nas décadas de 1960 e 1970, a tranquilidade da vida conventual viu-se fortemente abalada. De início, as mudanças promovidas pelos “capítulos de renovação”, dirigiram-se à reorganização interna das congregações e comunidades. Algumas das alterações marcantes da época foram a troca da veste religiosa – o “hábito”- por roupas comuns e a separação do local de residência e de trabalho.⁵⁶

Desta forma, podemos perceber que as mudanças tinham como objetivo a renovação e organizações das congregações, possibilitando que as freiras

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ ROSADO NUNES, M. J. F. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 482-509.

atuassem diretamente nas pastorais e estivesse uma vida aberta à sociedade, ou seja, uma abertura para o mundo moderno.

Com a renovação das congregações, as freiras passaram a ter liberdade para viver em sociedade, e assim as residências das freiras poderiam deixar de ser apenas conventos tradicionais, muitas congregações religiosas optaram por residirem em casas comuns. As Irmãs da Providência de Gap também passaram por essas mudanças, pois elas residem em casa, geralmente, em pequenas comunidades, no meio popular, onde existe mais necessidade de atenção, devido os problemas sociais com a pobreza e a violência.

A congregação era mantida pelas próprias Irmãs, sempre trabalham profissionalmente como qualquer pessoa. “Desde 1979 que a Congregação decidiu pagar o INSS para cada Irmã, depois de 30 anos de contribuição individual recebemos a aposentadoria⁵⁷”. Assim, as irmãs se mantêm com suas profissões a qual são formadas, geralmente professora, enfermeiras, psicólogas entre outras, ou com a aposentadoria.

Outra alteração marcante foi a troca da veste religiosa por roupas comuns, deixando de lado o uso do hábito⁵⁸ que era uma veste tradicional, “visto como uma espécie de escudo que deveria preservar a virgindade das mulheres que se consagravam a Deus”⁵⁹. Nesse período muitas congregações optaram por não usarem o hábito, sendo que, o uso da vestimenta dependia da realidade de cada congregação, para melhor realizar o seu trabalho. Com relação ao uso do hábito, a Irmã Luzia em entrevista ressalta:

Muitas congregações não usam. Isto foi a partir das conclusões do Concílio Vaticano II, que convidou as Congregações que revissem suas Constituições (onde estão nossas leis ou regras) que nos norteiam, isto para melhor responder ao momento histórico e adaptassem as realidades. Assim nós fizemos e a Irmã que quis tirou o Hábito e a partir daí não houve mais esta vestimenta. Nós irmãs da Providência de Gap optamos não vestir o Hábito para melhor atender o povo nas mais diversas realidades. E de acordo com cada realidade⁶⁰.

⁵⁷ Entrevista concedida dia 21/05/2015

⁵⁸ Vestimenta usada pelas freiras.

⁵⁹ AZZI, Riolando. Irmãs da Providencia de Gap, atuação brasileira. Itajubá, MG, p. 234, 2005.

⁶⁰ Entrevista concedida dia 21/05/2015

Então, podemos perceber que o uso do hábito, não era obrigatório isso dependia da escolha de cada congregação⁶¹, de acordo com a realidade a qual estava vivendo. Pois em alguns casos, o uso dos mesmos dificultava o trabalho por ser roupas pesadas e quentes para algumas regiões.



Figura 5 - A irmã Antônia (de blusa branca e saia marrom) sendo recebida pela comunidade do Açudinho.

A imagem mostra o estilo de roupa usado pela Congregação das Irmãs da Providência de Gap, blusas de manga curta e saia ou shorts sempre abaixo do joelho e calça de tecido. Com o abandono do hábito, as mulheres não

⁶¹ Instituições religiosas, grupos de pessoas reunidas para determinado propósito ou atividade. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Congregação>. Acesso em 26/03/2016.

podiam usar qualquer tipo de roupa. Ao mesmo tempo, as mulheres têm suas autonomias, ou seja, vivem para a fé, podem ter limites de um lado, mas elas podem avançar em outro.

As transformações não se limitaram apenas as estruturas internas, suas práticas sociais também passaram por transformações. Antes, as religiosas exerciam tarefas para as quais não estavam tecnicamente habilitadas, podiam ser professoras, enfermeiras ou assistentes sociais. Com a mentalidade moderna passou a ser exigido das religiosas, um preparo profissional e habilitação específica para o exercício das profissões. Nunes destaca que:

Uma resposta das congregações a essa situação foi o encorajamento à profissionalização das religiosas; elas foram estimuladas a seguirem cursos superiores. O engajamento em outras profissões, além do ensino e da enfermagem, foi também encorajado em nome da “realização pessoal”⁶².

Sendo assim, outro direcionamento das atividades deu-se no nível profissional, muitas freiras exerciam o magistério e tornaram agentes de pastoral, e estavam sempre em processo de capacitação através dos estudos universitários. Este foi o momento, que as freiras podiam escolher uma profissão a qual tinha vontade de exercer, mas percebemos que muitas freiras optavam pela formação na área de ensino ou da medicina.

No período do Concílio Vaticano II, o movimento conhecido como Teologia da Libertação, ganha força no continente. Terezinha Zanlochi define como teologia da libertação:

A proposta nascida no seio da igreja de abraçarem a causa dos pobres, ou melhor, de libertação do oprimido em qualquer situação política, econômica, social, cultural, religiosa ou de gênero, aglutinou as reflexões do intelectual orgânico da Igreja, representativas dessa opção, e gerou uma articuladora e orientadora da sua proposta: a teologia da libertação⁶³.

⁶² ROSADO NUNES, M. J. F. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, p. 482-509, 1997.

⁶³ ZANLOCHI, Terezinha. Mulheres leigas na Igreja de Cristo. Bauru, SP: Edusc, p.42, 2001.

Sendo assim, esse movimento tem objetivo de inserir a Igreja em discussões de cunho social e colocar-se no contexto da defesa dos mais pobres. Priore (2004), afirma em seu trabalho que na vida das freiras houve abertura e expansão, devido a sua atuação na vida social da população, onde elas realizaram trabalhos em hospitais, escolas e instituições de caridade como, por exemplo, asilos e orfanatos, onde acabaram por criar uma área de certa autonomia e com a possibilidade de exercer alguma forma de poder.

Com esse ideário algumas Congregações, entre elas a das Irmãs da Providência de GAP, tinham suas atividades voltadas para a população mais pobre, vivendo em pequenas comunidades, construindo fraternidade entre as pessoas e atuando em comunidades eclesiais de base, em escolas ditas periféricas, ajudando todas as pessoas desamparadas vivendo próximo a elas, defendendo sua causa e ajudando nas suas dificuldades.

CAPÍTULO II

IRMÃS DA PROVIDÊNCIA DE GAP: AÇÕES RELIGIOSAS E SOCIAIS.

As Irmãs da Providência de Gap, ao chegarem à paróquia assumiram atividades como formação vocacional, ajudavam nas celebrações dos bairros, atuavam nas pastorais: catequética, da criança, da juventude. Tendo destaque a coordenação da pastoral catequética, a qual foi notória uma maior atuação e dedicação. Para a construção do capítulo foi utilizado como fontes o livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité e fontes orais.

Além dos trabalhos religiosos as Irmãs da Providência de Gap se destacavam nas atividades de assistência social, “o amparo aos necessitados faz parte de uma longa tradição brasileira, introduzidas desde a formação da sociedade colonial, através das santas casas de misericórdia”⁶⁴. O exercício da caridade era realizado tanto através de uma opção individual, como mediante uma associação ou instituto religioso. Uma vez que, para a Igreja Católica, “a caridade é a virtude pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por si próprio, e a nosso próximo como a nos mesmos, por amor de Deus”⁶⁵. Sendo assim, a caridade pode ser entendida como um ato de amor ao próximo, as congregações conduzidas pela concepção cristã de caridade, praticavam uma assistência baseada na idéia do amor fraterno, servindo ao próximo.

Neste sentido, na paróquia as religiosas assumiram atividades religiosas e sociais como a catequese, formações de lideranças, realização de visitas às famílias do bairro, participando e incentivando a população a participarem dos movimentos sociais promovidos pela comunidade. Por sua vez o exercício da caridade, também contém um sentido de conversão, de adquirir novos membros, de demonstrar a ação católica.

Ação das irmãs na pastoral catequética

Existem diversas missões femininas, e a Congregação da Providência de Gap é uma delas, que começou atuar na paróquia de Conceição do Coité, na década de 90.

⁶⁴ AZZI, Riolando. Irmãs da Providencia de Gap, atuação brasileira. Itajubá-MG, 2005, p. 69.

⁶⁵ Catecismo da Igreja Católica, página 491.

Lançando um olhar sobre a realidade da Igreja católica no Brasil, percebemos a presença significativa das religiosas em todo o território nacional. Sendo que, “durante a primeira metade do século XVIII, a vida religiosa feminina no Brasil teve um incremento bastante notável”⁶⁶, pois nesse momento houve uma multiplicação de conventos e recolhimento. Riolando Azzi aponta que na Bahia:

Além do convento do desterro, do século XVII, fundaram-se ainda os conventos das ursulinas das Mercês em 1735, das ursulinas da Soledade em 1739 e das ursulinas franciscanas da Lapa em 1747. Fundaram-se também dois recolhimentos: o recolhimento dos Perdões, com seus estatutos em 1723, e o recolhimento de São Raimundo, com seus estatutos em 1761⁶⁷.

As primeiras congregações femininas que chegaram à Bahia a partir do século XVII viviam a vida na simplicidade, como sintetiza Matos “levavam uma vida de penitência, oração e piedade, praticando, além disso, as obras de misericórdia”⁶⁸. Neste contexto “os conventos, ou seja, as casas para religiosas, destinavam-se exclusivamente a mulheres brancas, geralmente de família ricas e de prestígio social”⁶⁹. Assim, para as mulheres pobres ou não brancas que queriam seguir a vocação religiosa não restava alternativa a não ser converter-se em serva doméstica no convento ou enclausurar-se na sua própria residência. Ainda sobre as congregações femininas no período colonial, Azzi salienta:

Durante o primeiro século da descoberta do Brasil, a obra da colonização da nova terra foi sempre acompanhada de uma atividade apostólica de evangelização, levada avante de modo particular graças aos esforços missionários religiosos. Todavia nenhuma congregação feminina fez sentir sua presença em território brasileiro⁷⁰.

⁶⁶ HORNAERT, Eduardo. et al. História da Igreja a partir do povo: primeira época, período colonial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 226.

⁶⁷ *ibid.*

⁶⁸ MATOS, Henrique Cristiano José. Nossa História 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 244-246.

⁶⁹ *ibid.*

⁷⁰ HORNAERT, Eduardo. et al. História da Igreja a partir do povo: primeira época, período colonial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 223.

Ou seja, um das razões principais pelas quais as religiosas não assumiam as atividades missionárias, estava na própria concepção de vida religiosa feminina que perdurava na época, pois as religiosas viviam no convento, numa dependência total da superiora. Enfim, podemos notar que no desenrolar dos séculos, as religiosas começaram a desenvolverem importantes atividades na Igreja Católica, principalmente na catequese.

A catequese assumia múltiplas dimensões ao longo dos diferentes períodos, desde a colonização portuguesa aos seus desdobramentos nos séculos subsequentes. Azzi⁷¹, ao discorrer sobre os primórdios da catequese no Brasil, dentro do que denomina “arranjos do período colonial e imperial”, identifica a existências de quatro instâncias onde as práticas de catequese foram constituídas e experimentadas. O autor caracteriza as quatro práticas de catequese como:

Catequese doméstica era feita no lar e não tinha cunho doutrinal, nem era apresentada de forma sistemática.
Catequese comunitária era feita pelos leigos da comunidade, porém não era controlado pelo catecismo.
Catequese paroquial legitimava a presença física da Igreja representada pelo ofício de padres.
Catequese missionária tinha como objetivo a conversão dos povos⁷².

A caracterização destes quatro modelos de catequese é interessante, pois nos permite compreender as raízes da cultura religiosa portuguesa que se implantou na colônia e se prolongou durante o império, foi conduzida por diferentes circunstâncias. São distintos nos modelos, mas não excludentes, porque ao serem introduzidos novos parâmetros de regulação da fé católica, os traços da catequese antes praticada foram mantidos ao longo dos séculos.

As crianças, até o século XIX, permaneceram prisioneiras ao papel social de filho. Segundo Santos “as crianças veneradas pela Igreja Católica no Brasil colonial eram anjos, por representarem a pureza, os anjos circulavam em

⁷¹ AZZI, Rioldo. Os primórdios da catequese: arranjos do período colonial e imperial. In. PASSOS, M.(org). Uma História no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis, RJ:Vozes, 1999, p.16-27.

⁷² Ibid.

todos os recantos da vida cultural da Colônia⁷³". Nesse contexto Costa salienta "o filho-criança, segundo o catolicismo colonial, era o resultado inevitável da concupiscência humana. Sua vida era a marca do controle religioso sobre os desregramentos humana⁷⁴". Assim a criança representava a incapacidade do homem em renunciar aos prazeres do mundo. Segundo Riolando Azzi:

a preferência para a catequese infantil foi também resultado prático da resistência generalizada dos adultos em abandonar suas tradições tribais. Por essa razão, já desde a época da chegada à nova terra os jesuítas passaram a cultivar a idéia de que o resultado da missão dependia fundamentalmente da atividade catequética desenvolvida junto aos meninos⁷⁵.

Dessa forma, no período colonial a Igreja tinha o interesse em doutrinar as crianças, pois a conversão passou a ser considerada fundamental para garantir a permanência do trabalho da transmissão de fé. Assim, a catequese para criança assume o compromisso de doutrinação e fortalecimento do campo religioso.

Segundo Solange Carmo⁷⁶, "desde o Concílio de Trento (1545-1563) acompanhamos na Igreja um desenvolvimento marcante do processo catequético", ou seja, a Igreja se pôs a procurar caminhos para a transmissão da fé católica que estava ameaçada pelo movimento protestante. Visto que, "a reforma protestante havia assumido princípios da modernidade que despontava com força no cenário da história".

Na paróquia de Conceição do Coité, os encontros das catequistas com as crianças aconteciam todos os sábados, exceto no último sábado de cada mês, pois acontecia a missa com todas as crianças, e logo em seguida acontecia a reunião da Irmã Antonia com todas as catequistas.

⁷³ SANTOS, Laise Araújo dos. **Festa de Nossa Senhora da Conceição do Coité (1989-2014)**. Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2016, p. 42.

⁷⁴ Costa, Jurandir Freire. *Ordem medica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p.159.

⁷⁵ Azzi, Riolando. *Teologia da Cristandade*. In: _____ *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 68.

⁷⁶ CARMO, Solange Maria. *Catequese num mundo pós-cristão: Estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*. Tese para obtenção do título de doutora em Teologia da faculdade Jesuíta de Filosofia e teologia. Belo Horizonte, 2013.

As crianças que participavam da catequese tinham faixa etária de 07 a 10 anos. As mães que frequentavam a igreja matriculavam seus filhos na catequese, com o intuito de fortalecer o caminho na fé. A catequese era organizada por idade, “a criança entrava na catequese com 07 anos e celebrava a comunhão com 10 anos, os que eram fiéis a caminhada”⁷⁷. A criança passava por três etapas, “a primeira era iniciação onde eram dadas as primeiras orientações”⁷⁸, ensinava as principais orações. Na segunda etapa, “trabalhava com frequência, participação e mais compromisso”⁷⁹, eram abordados conteúdos com a finalidade de celebrar o sacramento do batismo. E a terceira etapa “trabalhava conteúdos mais específicos como penitência e comunhão”⁸⁰. Era momento estudar as doutrina da igreja, sendo o período mais intenso levando a criança a viver na fé católica.

Durante a catequese, os catequizandos eram estimulados a participarem e se envolverem na missa dominical, ter mais contato com a palavra de Deus, cultivar o espírito de oração e engajarem nas comunidades. Além dos temas relacionadas a religião as catequistas também trabalhavam com temas sociais de acordo com a realidade de cada comunidade.

Para organizar o trabalho da catequese a irmã Antonia dividiu as catequistas por núcleos, como núcleo do Açudinho, Barreiros, Cruzeiro e Centro, cada catequista formavam grupos de crianças em sua comunidade e ali desenvolvia o trabalho de catequização.

Além de catequizar as crianças a irmã Antonia formou grupos para catequizar adultos, pois mesmo acompanhando crianças e adolescentes, era necessário realizar a catequese com adultos, “sendo que uma grande oportunidade é aquela que se apresenta, quando os adultos pedem para receberem os sacramentos”⁸¹. Pois, é o momento para redescobrirem o caminho na fé e para participarem da vida da comunidade, assumindo alguns

⁷⁷ Entrevista concedida em: 05/08/2015.

⁷⁸ Ecoando n° 33, p. 02.

⁷⁹ Entrevista concedida em: 05/08/2015.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ Sínodo diocesano pagina 21.

compromissos, sendo que o interesse principal desse grupo era receber os sacramentos.

A catequese era considerada como um método de doutrinação e memorização, no qual o cristão tinha o dever de decorar perguntas e respostas. De acordo com Carmo, “a renovação catequética, trouxe a superação do período “catequístico”, que fazia uso dos catecismos e dava importância à memorização das fórmulas”. Sendo assim, essa renovação catequética chegou com força propondo um novo jeito de fazer catequese, pois a mera transmissão de doutrinas não era mais suficiente para responder aos apelos da modernidade.

O Concílio Vaticano II, trouxe renovação e atualização dos valores na igreja, não tratou especificamente da catequese, mas sabemos que ela está na base de toda a renovação da igreja e no novo conceito de palavra de Deus, a catequese não é constituída somente de palavras, mas também de acontecimentos. O catecismo da Igreja Católica apresenta que:

A catequese anda intimamente ligada com toda a vida da igreja. Não é somente a extensão geográfica e o aumento numérico, mas também e, mais ainda, o crescimento interior da igreja, sua correspondência ao desígnio de Deus que dependem da catequese mesma⁸².

Sendo assim, “a catequese é o processo de educação na fé, que tem seu fundamento na Sagrada Escritura e mantém a fidelidade a doutrina da Igreja, e tem como objetivo final formar cristãos na fé”⁸³. A catequese é um processo de educação comunitária, pois é um trabalho em conjunto, que envolve catequistas, crianças, famílias e comunidades, que tem por característica a fé, a oração e o amor. É considerada permanente porque nunca termina, é para toda vida, realizada por etapas, e pode ser considerada ordenada, pois, deve ser planejada. A catequese também, por sua vez, deve ser sistemática da fé, a tarefa do catequista é ajudar o catequizando a refletir a

⁸² Catecismo da igreja católica pagina-14

⁸³ Sínodo diocesano p. 20

vida. Por esse viés, a finalidade da catequese é a maturidade da fé, num compromisso pessoal e comunitário.

Geralmente os responsáveis pela catequese nas paróquias são os párocos, mas eles precisam de colaboradores, os catequistas, em sua maioria são leigos e/ou leigas das comunidades, por vezes são também as religiosas inseridas na pastoral. Inúmeras comunidades de religiosas estão presentes nas frentes de evangelização, na catequese, nas comunidades eclesiais de base (CEB's), nas pastorais da criança, juventude, vocacional, saúde e na assessoria de movimentos populares.

No ano de 1970, “a paróquia tinha apenas Vardó como catequista”⁸⁴, ela trabalhou sozinha por um longo período, com o crescimento da população surgiu a necessidade de mais pessoas para serem catequistas e com isso veio a preocupação em formar pessoas para assumirem esse papel.

No ano de 1990, aconteceu na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité o primeiro curso de formação de religião em regime intensivo⁸⁵. O Padre Luiz Rodrigues, convidou um grupo de freiras que vieram da Arquidiocese de Salvador para realizar esse encontro de formação para as catequistas, grupo esse que não fazia parte da congregação das irmãs da Providência de Gap⁸⁶. O encontro era uma preparação vocacional, que tinha como objetivo capacitar os leigos para viverem a missão evangelizadora, dentro de um grupo de catequistas que daria continuidade à formação e ofereceria oportunidades para a oração em comum, a reflexão, a avaliação das tarefas realizadas, o planejamento e a preparação dos trabalhos futuros. A catequista Amélia relata, como aconteceu esse encontro de formação:

Houve encontros com algumas irmãs de uma semana. Lembro que a gente entrava 8:00 horas no Colégio Polivalente e saía 5:00 da tarde, vinha em casa para almoçar e voltava correndo, era aquele intensivo. Foi um grupo de irmãs que veio para Coité, fizeram uma

⁸⁴ Catequista Amélia entrevista concedida em 05/08/2015

⁸⁵ Ibid

⁸⁶ A depoente Amélia não lembra nome da congregação e nem das irmãs que ministrou o curso de formação.

preparação para trabalhar na catequese. Uma formação para catequista e nessa formação eu ingressei⁸⁷.

Essa formação serviu como base para aquelas pessoas que tiveram o desejo de serem catequistas. Esses encontros aconteciam anualmente na paróquia, a partir deles surgiram muitas mulheres aptas para essa missão. A equipe de catequistas era formada por mulheres leigas, em sua maioria professoras que participavam de outras pastorais da igreja, juntas formaram o grupo e convidavam outras companheiras de igreja que tinham o desejo de assumir esse compromisso. As moças que já tinham recebido o sacramento da comunhão também ajudavam essas mulheres na animação da catequese.

Podemos pensar a catequese como processo de inserção dos sujeitos na dinâmica da comunidade católica, e ao mesmo tempo era uma forma de controlar e estimular a fé católica, até mesmo como uma forma de disciplina. De acordo com Michel Foucault⁸⁸ “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”.

O método e organização da catequese no município.

A partir de 1995, a paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité contou com o trabalho das Irmãs da Providência de GAP na Pastoral Catequética⁸⁹. Antes da chegada das irmãs, catequese não existia um método a ser seguido, a catequista usava o livro do catequista, titulado “comungar é partilhar, iniciação eucarística⁹⁰” o qual era estudado e transmitido para as crianças. Não existia um planejamento do conteúdo que seria passado para as crianças, apenas eram seguidos os capítulos deste livro. A catequista Amélia acrescenta:

⁸⁷ Entrevista concedida em: 05/08/2015

⁸⁸ FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: História da violência nas prisões. São Paulo: Ática, p. 118, 2002.

⁸⁹ Livro Tombo da Igreja Católica.

⁹⁰ Livro escrito por Inês Broshuis.

Quando as irmãs chegam aqui, dão uma nova cara a catequese, começaram a organizar o trabalho catequético, porque a gente não trabalhava com planejamento, a gente botava a cara no livro a partir dali (...), aí a gente pegava o livro e desenvolvia o conteúdo numa boa, mas a gente não tinha o chamado planejamento da catequese⁹¹

Sendo assim, com a chegada das irmãs no município a catequese começou a ser organizada. A irmã Antonia acrescenta que “para esta importante missão necessitava de mais encontros de formação, pelo menos bimensal”⁹². Antes só aconteciam encontros anuais, dificultando o trabalho das catequistas, pois, não tinham um momento para desenvolver uma metodologia para ser trabalhada, com a necessidade de aperfeiçoar o trabalho das catequistas, em 1996 foram ampliados os encontros para uma vez por mês⁹³.

Nesses encontros as catequistas faziam o estudo do “Ecoando”⁹⁴. Esses periódicos apresentavam vários conteúdos relacionados a história da Igreja, as doutrinas e temas relacionados a atualidades envolvendo família, sociedade, entre outros. Os textos eram apresentados com ricas ilustrações e questões para serem discutidas em grupo, assim as catequistas faziam as leituras e respondiam as questões de acordo com a realidade vivida.

⁹¹ Entrevista concedida em 05/08/2015


⁹² Entrevista concedida em: 02/05/2016

⁹³ ibid

⁹⁴ Eram folhetos periódicos, produzidos pela editora PIA sociedade de São Paulo.


AULA DE CATECISMO:

- transmissão integral do conteúdo do livro de catecismo;
- fidelidade total ao conteúdo e às palavras do texto.
- o catequista é transmissor (professor) - é o centro das atenções;
- o catequizando é receptor (aluno), só ouve e assimila o conteúdo;
- a comunicação se dá em perguntas (do catequista) e respostas (do catequizando);
- o aprofundamento das relações não é prioridade;
- há relações secundárias entre os catequizandos e, às vezes, até com o catequista;
- formação de grupinhos e amizades até atrapalha o esquema de "aula", pois pode favorecer conversas paralelas e desviar o interesse do tema.



ENCONTRO DE CATEQUESE:

- promove a vivência do amor fraterno no grupo;
- ilumina a vida do catequizando com a fé;
- fidelidade ao catequizando e sua realidade humana, como também a Jesus Cristo e à Igreja.
- o catequista é o animador do grupo, coordena o uso da palavra e estimula a participação de todos, e não é o centro das atenções;
- o catequizando participa ativamente e se compromete com a caminhada do grupo;
- a comunicação acontece em forma de diálogo, em que catequista e catequizando se revezam nos papéis de transmissor e receptor.
- as relações humanas são a prioridade do grupo;
- há relações primárias - formação de amizades sempre mais profundas, entre os catequizandos e o catequista;
- há respeito ao outro, numa dinâmica participativa e de corresponsabilidade.



CONVERSANDO E RESPONDENDO:

- Em sua comunidade os encontros catequéticos têm cara de aula? O que pode ser feito para superar essa realidade?
- Como seria uma catequese em que todos tivessem possibilidade para participar e dar sua palavra? Quais seriam os efeitos na vida do catequizando e do catequista?
- Como conscientizar as famílias dos catequizandos de que a catequese não é escola e sim formação para a vida na comunidade e na sociedade?

3 - Ecoando

Figura 6 - Corresponde ao periódico "Ecoando", Ano II - nº28.

SACRAMENTOS DE CURA

Os Sacramentos de cura são sacramentos medicinais. São eles Reconciliação ou Penitência ou Confissão e Unção dos Enfermos.

Nós somos limitados em conhecimentos, em saúde, e na realização da própria vida. Entre estas limitações está a nossa fraqueza: o pecado.

Jesus teve muita atenção para com os doentes, sem distinção, vindos de todos os lugares. Jesus transmitiu aos apóstolos e à Igreja o carinho que tinha com os doentes e pecadores, deixando-lhes estes dois sacramentos.

RECONCILIAÇÃO OU PENITÊNCIA OU CONFISSÃO

O perdão é a máxima expressão do amor, da bondade, da misericórdia. O perdão é a atitude que mais nos aproxima de Deus.

Na Bíblia lemos as histórias desse perdão de Deus.

Para a reconciliação é preciso que haja a participação do homem. Deus está sempre pronto para perdoar. Deus é Pai que jamais rompe com o homem.

No NT, Jesus manifesta este amor do Pai: acolhe Zaqueu, a adúltera, Mateus e, na cruz, os seus inimigos. Ensina os apóstolos a perdoar setenta e sete vezes sete (Mt 18,22).

Jesus entrega a seus apóstolos, por meio de Pedro, como chefe de sua Igreja, o poder de perdoar os pecados (Jo 20,23).

Jesus instituiu o Sacramento da Reconciliação como sinal de libertação para o homem e perdão dos seus pecados. Este Sacramento leva-nos a aumentar a confiança em Deus, gozar de sua presença e de seu amor.

A Reconciliação é uma celebração de alegria, com sabor pascal, que expressa a ação do Espírito Santo.

A graça de Deus recebida no Batismo, uma vez perdida, é reconquistada pelo arrependimento.

Todas as nossas ações, boas ou más, por mais ocultas que sejam, têm repercussão social e comunitária. No plano psicológico, a confissão ajuda a repartir a angústia, o remorso do pecado que nos atormenta e a descobrir novos caminhos de libertação e felicidade.

A penitência, no início da Igreja, tinha dimensão comunitária. No final do século IV, foi iniciada a prática da confissão individual.

HOJE, A IGREJA OFERECE:

- a **confissão e absolvição individual** que deve ser preparada pela reflexão e confronto com a Palavra de Deus, pelo arrependimento e propósito de uma vida nova.
- a **confissão comunitária** que exige, também, a preparação individual, o arrependimento e o propósito.

É uma confissão genérica, em público e dá-se a absolvição geral. Esta modalidade, já prevista pelo Direito Canônico e de acordo com o bispo diocesano, pode ser usada quando o grupo é muito grande. Após a confissão comunitária, cada cristão deverá apresentar-se ao sacerdote para receber a penitência e a absolvição, através da fórmula sacramental: "Eu te absolvo de todos os teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito".

UNÇÃO DOS ENFERMOS

O sacramento da Unção dos Enfermos era chamado de Extrema-Unção. É o sacramento que a pessoa recebe por ocasião de uma doença grave, perigo de morte, antes de uma cirurgia e na idade avançada.

O Concílio de Trento (1545) confirma o sacramento instituído por Jesus Cristo, sugerido em Mc 6,13 e colocado em Tg 5,13-15.

Efêitos desse sacramento: apaga as faltas que o doente possa ter, perdoa pecados não confessados, proporciona alívio e conforto ao doente, amenizando a doença e a dor, pela fé. Desperta no doente grande confiança na misericórdia divina e, algumas vezes, dá também saúde para o corpo.

O Viático é a Eucaristia dada ao doente em estado grave (a última Comunhão) como alimento e força para o caminho em preparação à morte.

O catequista deverá motivar as famílias dos doentes para chamar o padre no momento em que o doente estiver em condições para receber o Viático. Somente uma vida de fé poderá dar sentido à morte.

CONVERSANDO E RESPONDENDO:

Formar três grupos para, respectivamente:

- preparar um Rito Penitencial para crianças ou adolescentes.
- preparar um Rito Penitencial para confissão comunitária.
- trocar experiências sobre visitas aos doentes graves e sobre a mentalidade das famílias quanto à recepção do sacramento da Unção dos Enfermos.

3 - Ecoando

Figura 7 - Corresponde ao periódico "Ecoando", Ano II - nº45.

As imagens mostram exemplos dos temas presente nos periódicos, que tratam desde a metodologia catequética como na figura 6, mostrando que encontros de catequese e diferente de aula de catecismo, e traz ensinamentos sobre os dogmas da igreja, como exemplifica a figura 7, ao destacar dois sacramentos.

Além do estudo do “Ecoando”, esses encontros eram o momento para apresentar e discutir em grupo as dificuldades encontradas em cada localidade, tanto na prática da catequese como nas questões sociais, sendo que a catequese acontecia também nos bairros carentes o qual as crianças necessitavam de maior atenção.

A Irmã Antonia, juntamente com as catequistas, fazia visitas as famílias dos catequizando para conhecer as suas realidades e de acordo com a necessidade essas família eram ajudadas pelo grupo. Os grupos religiosos conseguiam inserção maior e mais fácil nos bairros mais carentes, visto que percebiam a necessidade de acolher aquelas pessoas no âmbito religioso e social.

A atividade catequética visa à educação para um novo modo de agir e viver, em que a reflexão e informação constituíam elementos de um todo muito mais amplo. A catequese local seguia as diretrizes nacionais e diocesanas da Pastoral Catequética, fazia preparação para os sacramentos, a doutrinação na fé e situava a catequese na missão evangelizadora da Igreja, assumindo assim uma característica de catequese missionária. Neste contexto, a missão exigida ao catequista comungava também dos documentos elaborados pelo Vaticano II, a constituição dogmática *Lumen Gentium*⁹⁵, pois, apresenta:

Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e atividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a

⁹⁵ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 20/08/2016

santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade⁹⁶.

Sendo assim, eram nas práticas do dia a dia, que as catequistas adquiriam aptidões, qualidades humanas e específicas para assumirem sua missão. Como afirma Silva⁹⁷, “a formação cristã da gente sertaneja deve-se basicamente às missões itinerantes. Constituíram, o momento privilegiado e específicos da atividade catequética, da ação evangelizadora”. Assim, podemos destacar o importante papel da missão catequética na formação cristã, pois através de encontros, cursos, celebrações e tantas outras coisas, que despertava interesse maior nas pessoas a participarem desse ministério.

A metodologia utilizada na catequese era baseada no método do ver, julgar e agir. Segundo o documento da CNBB, esse método “por experiência e tradição na pastoral latino-americana, tem trazido segurança e eficácia na educação da fé, respondendo às necessidades e aos desafios vividos pelo nosso povo”⁹⁸. Ele consiste em observar a realidade a qual viviam as crianças, em seguida analisar as realidades observadas, confrontando com a ótica cristã, por fim eram trabalhadas ações concretas para transformar a realidade observada. Era exigido da catequista o compromisso de viver em comunidade, servir aos mais necessitados e “lutar por justiça e paz, denunciar profeticamente e transformar evangelicamente as estruturas e as situações desumanas, buscando o bem comum”⁹⁹. Isso demonstra que o método fazia ver com os olhos do Pai, julgar coerentemente segundo os ensinamentos e exemplos do Filho e da comunidade, e agir sob a influência do Espírito Santo.

A contribuição das Irmãs da Providência de Gap ao Grupo de Mulheres do Bairro do Açudinho.

⁹⁶ ibid

⁹⁷ SILVA, Candido da Costa e. Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982, p.33.

⁹⁸ Documento da CNBB, Pagina 141.

⁹⁹ Documento da CNBB, pagina 143.

As Irmãs da Providência de Gap, ao chegarem ao município, logo se integraram na comunidade católica do bairro, participando das celebrações da comunidade e dos momentos de oração promovidos pela mesma. Mas, o envolvimento delas não se restringia as atividades religiosas, elas também participavam de ações sociais no bairro do Açudinho. Como marco dessa experiência que envolvia as irmãs e a comunidade, surgiu o Grupo de Mulheres em 1995, em entrevista Dona Eremita¹⁰⁰, relata o surgimento desse grupo:

Quando as irmãs chegaram e começaram a fazer o trabalho de evangelização no Açudinho, abriram a casa de formação e a partir das reuniões com as pessoas da comunidade, a Irmã Marina falou da importância de ter esse grupo de mulheres, porque era uma oportunidade de dar as mulheres alguma fonte de renda, aumentar as rendas das famílias¹⁰¹.

Deste modo, é visível a preocupação das irmãs com as questões sociais da comunidade, por estarem atuando no bairro, considerado pobre, a irmã Marina teve a preocupação em formar um grupo de mulheres para desenvolver trabalhos artesanais e aumentar a renda da família. A irmã Marina descreve o bairro Açudinho neste período.

Um bairro populoso e relativamente tranquilo. Economicamente, uma boa parcela da população carente. Muitos trabalhavam na fábrica de sisal e comentavam que era um trabalho pesado e exigente. A juventude era bem servida com relação à educação. Estudavam na Escola Estadual Yêda. Quanto à religiosidade, uma boa parcela era bem participante da comunidade do bairro bem como na Igreja Matriz, assumindo sua fé¹⁰².

Dessa forma, o bairro Açudinho era carente, as famílias tinham o sustento apenas no papel do marido, por sua vez adquirida pela exploração do trabalho na fábrica de sisal. O grupo de mulheres foi importante pelo desenvolvimento de uma prática geradora de renda como forma de dar autonomia a essas mulheres e de se sentirem produtivas.

¹⁰⁰ Moradora do bairro Açudinho e uma das fundadoras do grupo.

¹⁰¹ Entrevista concedida dia 18/08/2016

¹⁰² Entrevista concedida em: 04/05/2016.

Existia naquela época, uma Associação no Bairro que se resumia em mensalmente sem nenhuma atividade concreta. Os associados eram em número bem pequeno em relação ao tamanho do bairro e na sua maioria mulheres. Assim, a Irmã Marina teve a ideia de mobilizar as mulheres, associadas ou não, para formar um grupo de estudo bíblico o qual deu origem o grupo de mulheres. A Irmã Marina acrescenta que:

O grupo surgiu no encontro bíblico semanal, reuníamos para estudar e refletir sobre a mulher na Bíblia. Iluminando a vida com a Palavra de Deus resolvemos nos encontrar também duas vezes por semana, à tarde, para um curso de pintura. Era mais uma oportunidade para conversas, partilha de vida, conscientização e também um alternativa de sobrevivência, pois os trabalhos manuais seriam vendidos¹⁰³.

O objetivo do grupo era reunir as mulheres da comunidade e proporcionar um momento de ensinamentos bíblico, levando as mulheres a uma reflexão sobre a realidade da mulher na sociedade, na família, na Igreja, ajudando-as a assumir compromissos concretos com as mudanças dessas realidades. E também eram ensinadas técnicas para desenvolverem atividades manuais, que vendidas ajudavam nas despesas das famílias.

Ao dar oportunidade, visibilidade ao trabalho dessas mulheres e valorizar suas ações, era proporcionado o empoderamento, a igualdade nos espaços de poder e tomada de decisão, levando as mulheres a conquistarem seu espaço, que por vezes foram negados. A formação deste grupo possibilitou o aumento da renda familiar, com a venda dos materiais produzidos. Para a formação desse grupo foi necessário elaborar um projeto para conseguir recursos e assim realizar os trabalhos artesanais.

O projeto do Grupo de Mulheres.

Para a formação desse grupo foi necessário fazer um projeto, explicando o objetivo e justificando a importância do grupo para aquela comunidade, e a

¹⁰³ ibid

partir desse projeto conseguir dinheiro para ajudar nas despesas do grupo, sendo assim Dona Eremita acrescenta:

Eu e algumas mulheres sentamos com a Irmã Marina, para elaborar o projeto, a Irmã falou que onde ela já tinha trabalhado antes, em outras cidades tinha criado e deu muito certo, tinha curso de pintura, ai optamos pelo curso de pintura. Mas primeiro sentamos para fazer esse projeto, por que não tinha dinheiro, ai escrevemos, cada um foi dando uma ideia ai a Irmã fez, escreveu e fez o projeto¹⁰⁴.

Assim, o projeto foi enviado para CESE (Coordenadoria de Serviços Ecumênicos), que atua desde a década de 40 na promoção, defesa e garantia de direitos no Brasil, “essa ONG foi criada por Igrejas Cristãs, e tem a missão de fortalecer organizações da sociedade civil, especialmente as populares, empenhadas nas lutas por transformações políticas, econômicas e sociais¹⁰⁵”. A ONG apóia projetos de organizações populares, movimentos sociais, entidades do movimento ecumênico, redes e articulações, por meio de aporte financeiro através de vários programas.

Antes da aprovação do projeto, primeiro veio uma solicitação da ONG, pedindo para as mulheres esclarecerem o objetivo do grupo e quais materiais iriam precisar. Sendo assim Dona Eremita acrescenta:

explicamos o objetivo e solicitamos os materiais que iríamos precisar como tinta, tesoura, tecido e bíblias, pois alem das reuniões para fazer os trabalhos a gente se reunia uma vez na semana para estudar a bíblia. Nós estudávamos mais as mulheres na bíblia (...) a gente estudava bastante. A Irmã Marina, já levava aquelas leituras da bíblia que falava da luta das mulheres naquela época¹⁰⁶.

Ou seja, a irmã Marina trabalhava com textos bíblicos relacionados as mulheres, e assim esclarecia e tirava as dúvidas das mulheres, ressaltando sua importância para a sociedade, suas lutas e desconstruindo a ideia de que as

¹⁰⁴ Entrevista concedida dia 16/08/20016

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.cese.org.br/quem-e-a-cese/historico/>. Acesso em: 18/08/2016

¹⁰⁶ Entrevista concedida em: 16/08/20016

mulheres não tinham voz e vez perante a sociedade. Para isso, eram discutidas “todas as leituras, principalmente as do velho testamento, que tinham a história das mulheres”¹⁰⁷. E como os exemplos bíblicos elas eram incentivadas a viver em sociedade, valorizando suas diferenças e características, que anteriormente eram consideradas negativas. Assim, dava oportunidade para as mulheres, lutar pelo reconhecimento dos papéis desenvolvidos perante a sociedade, pois assim, como os homens elas também são detentoras de poderes.

O projeto feito pela Irmã da Providência de Gap, junto com as mulheres era pequeno, mas foi aprovado, e com o dinheiro enviado pela ONG, foi comprado os materiais, que seriam necessários para a produção das pinturas e materiais litúrgicos como bíblia. Inicialmente, o grupo apresentou várias dificuldades, sempre faltavam algumas e “foi difícil ajudá-las a perceber a importância de estarem juntas para descobrirem e enfrentarem a realidade do dia a dia”¹⁰⁸. O grupo tinha em torno de 16 a 20 mulheres, era um grupo pequeno mais significativo.

A aprovação do projeto foi significativo para o grupo, pois as mulheres não tinham recursos para comprar os materiais, dificultando a realização do trabalho, mas com essa ajuda conseguiram desenvolver um bom trabalho. A Congregação das Irmãs da Providência de Gap, na pessoa de Irmã Marina, foi essencial para esse projeto, pois incentivava as mulheres a participarem das reuniões e a produzirem materiais para serem comercializados.

Pintura: o trabalho desenvolvido pelo grupo de mulheres.

A irmã Marina ensinava técnicas de tintura vazada usando radiografia, por ser uma técnica simples e fácil para as mulheres aprenderem e também uma forma de reutilizar esse material. Dona Bernadete¹⁰⁹ explica a técnica, que ela e as outras mulheres do grupo aprenderam:

¹⁰⁷ Ibid

¹⁰⁸ Entrevista concedida em: 04/05/2016

¹⁰⁹ Costureira, ex morava no bairro que participava do grupo de mulheres.

“a gente limpava as radiografia, que a gente sempre tinha em casa, tirava toda parte preta e ai fazia o desenho colocava sobre o tecido e pintava, usava o pincel para contornar, tinha varias pinturas todas de forma vazada”.

Com isso, o aprendizado da pintura foi aperfeiçoando, pois uma das participantes do grupo que sabia a técnica de pintura com pincéis, ensinou as outras mulheres e começaram a vender os materiais confeccionados. Dona Eremita, acrescenta:

Ai tinha aquelas que não tinham dom de vendas, ai tinha duas ou três que vendiam os trabalhos, fazia lençol, pano de prato, conjunto de cozinha, fazia essas coisas tudo e vendia¹¹⁰.

Então, tudo que era produzido pelo grupo era vendido, com o dinheiro que conseguiam era tirada uma porcentagem para comprar mais materiais e o restante dividia para todas as mulheres. O grupo era uma forma das mulheres interagirem com outras mulheres e com a comunidade.

Todas as mulheres que participavam do grupo eram associadas à Associação de Moradores do bairro. “Eram as mulheres que sustentavam a associação de moradores”¹¹¹. Sendo que, a associação tinha um papel fundamental para o grupo, as mulheres sempre procuravam levar os trabalhos para expor nas reuniões da associação e despertar o interesse de outras mulheres para participarem do grupo. A irmã Marina deixa claro que Infelizmente os homens não participavam do grupo, salvo alguns meninos e adolescentes que iam com suas mães tanto no estudo bíblico quanto na pintura/bordado.

Para Dona Bernadete e Eremita, o grupo foi muito importante, não apenas financeiramente, mas pelo entrosamento em grupo, os conhecimentos adquiridos, as trocas de experiência tanto da irmã Marina, quanto do grupo como todo, pois as reuniões era um momento que as mulheres socializavam suas vivências. Dona Bernadete ressalta “como era costureira tinha o desejo de ensinar as mulheres com o desejo de aprender a costurar”. Então, era na sociabilidade construída cotidianamente que as mulheres vivem e convivem

¹¹⁰ Entrevista concedida em:16/08/2016

¹¹¹ Dona Berna em entrevista concedida em: 16/08/2016

com seus iguais, participando de várias atividades em conjunto, pois era o momento de conversar sobre suas vidas: alegrias, dificuldades, lutas, e a importância de estarem unidas.

Com pouco mais de dois anos de caminhada o grupo enfraqueceu, um dos motivos para o enfraquecimento que sofreu o grupo pode ser atribuído à saída da Ir. Marina, que assumiu uma missão no Vale da Jequitinhonha-MG. Porém não podemos negar que as sementes foram plantadas e como ela mesma afirma: “colhemos alguns frutos muito bons: conscientização, perseverança de algumas, as reflexões bíblicas eram ligadas à realidade delas, a união do grupo¹¹²”. Assim, o grupo teve sua importância para aquelas mulheres que conseguiram perceber através das reuniões seu verdadeiro papel perante a sociedade, se reconhecendo como guerreiras e não como submissas.

Maria e Eva: A figura feminina nos textos bíblicos.

O modelo feminino a ser seguido era o de Maria, mulher pura que obedecia a ordem, mas a partir do momento que estas mulheres vão ganhando autonomia, como elas por extinto são responsáveis pela casa, elas também têm um que de Eva, mulher desobediente à ordem.

Os textos trabalhados pela irmã Marina eram todos relacionados à história das mulheres na bíblia, para expor as mulheres que a partir das leituras bíblicas, podem perceber o importante papel das mulheres na sociedade. No Livro de Gênesis encontra a seguinte passagem:

“Tomou, pois, o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo; [...] Depois disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliar igual a ele. [...] Depois, da costela do homem, o Senhor Deus formou uma mulher, e apresentou-a ao homem [...]”¹¹³

¹¹² Entrevista concedida em: 04/05/2016

¹¹³ BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, p.678, 1966.

A partir das reflexões bíblicas as mulheres eram conscientizadas, pois assim como os homens elas também tinham direitos de lutar pelo seu espaço perante a sociedade. Velando em consideração que as mulheres foram criadas para ajudar o homem, não para serem submissas a ele.

No evangelho de Lucas, ressalta que as mulheres devem reservar um tempo para tudo, pois para tudo há seu tempo:

Enquanto caminhavam, Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, o recebeu em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e ficou escutando a sua palavra. Marta estava ocupada com muitos afazeres. Aproximou-se e falou: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda que ela venha ajudar-me!”. O Senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta! Você se preocupa e anda agitada com muitas coisas; porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada”¹¹⁴.

Tendo como exemplo Marta e Maria, essa passagem levava as mulheres a refletirem e seguir os passos de Maria, pois mesmo com seus afazeres não descuidava da sua vida espiritual, diferente de Marta que se ocupava com os afazeres e não cuidava da vida espiritual. Isso não queria dizer que as mulheres deveriam abandonar os seus afazeres, nem parar de fazer as suas obrigações. Assim, essa passagem levava as mulheres a refletirem que elas poderiam se organizar para cuidar dos seus afazeres e participar das atividades da Igreja, visto que para tudo á um tempo debaixo do Sol. Esses dois trechos bíblicos apresentam também certa limitação às mulheres, sair da costela de Adão e seguir o papel de Maria, pois elas eram vista como pecadora e desobediente no caso de Eva e ao mesmo tempo eram comparadas com Maria um exemplo de obediência e pureza.

Os trechos bíblicos também mostravam a importância dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres.

“Ela adquire lã e linho, e suas mãos trabalham com prazer. Ela é como navio mercante, que importa de longe

¹¹⁴ BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus,p. 1328, 1991.

a provisão. Ela se levanta ainda quando é noite, para alimentar a família e dar ordens às empregadas. Ela examina um terreno e o compra, e com o ganho do seu trabalho planta a vinha. Ela se prepara para o trabalho com disposição, e põe em ação a força dos seus braços. Ela sabe dar valor ao seu trabalho, e mesmo de noite sua lâmpada não se apaga. Ela estende a mão ao fuso e com os dedos sustenta a roca. Ela abre as mãos para o pobre e estende o braço para o indigente.”¹¹⁵

Sendo assim, na Bíblia tanto as dona de casa quanto as mulheres de negócios tinham a sua importância, pois administra suas tarefas dando sempre o seu melhor e o bom exemplo. Isso poderia encorajar as mulheres a enfrentar os preconceitos perante a sociedade. A Bíblia de certa forma difere os homens e mulheres, pois, muitas não têm nomes e vivem à sombra de seus pais, maridos e irmãos.

A Bíblia apresenta duas personagens construídas como personalidades poderosas Dalila e Ester. Os textos que seguem para análise da construção do poder de Dalila, encontram-se no livro de Juízes: “Dalila fez Sansão dormir em seu colo, chamou um homem, e este cortou as sete tranças do cabelo de Sansão. Sansão começou a ficar fraco e sua força desapareceu”. Assim, Dalila aparece como figura de sedução e do envolvimento maldoso que ela teve com Sansão, bastante mencionada quando o assunto é manipulação e ambição. “A história de Sansão e Dalila, que deixa os homens horrorizados, é de certa forma uma fonte de alguma satisfação para certo tipo de mulher¹¹⁶”. Pois, um homem forte de cabelo grande, o qual a mãe insistira que não cortasse, pois era o símbolo de poder, foi manipulado pela mulher que cortou perdendo assim suas forças.

Ester, por sua vez é mencionada por sua bravura e beneficência, “ela foi considerada uma salvadora do povo judeu, uma heroína feminista bela e inteligente”¹¹⁷. Assim Ester, além de convencer o Rei a livrar o povo judeu da morte, conquistou a sua confiança, a ponto de escrever um decreto que entrou

¹¹⁵ BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, p. 858, 1991.

¹¹⁶ EVANS, Débora. Guia da sexualidade da mulher cristã, você foi criada com cuidado e perfeição. Tradução: Elizabeth Charles Gomes. São Paulo: Editora Cultura Cristã, p.86, 2001.

¹¹⁷ ibid p.201.

para os registros oficiais. Através de todas as suas qualidades e ações no reino, ela tornando-a uma representante da ousadia feminina nos tempos bíblicos. Neste sentido, as mulheres podiam observar duas figuras femininas com diferentes personalidades, Dalila a sedutora e maldosa e Ester a inteligente e guerreira.

O papel das mulheres leigas da Gap, normatividade e subversão.

As Irmãs da Providência de Gap apresentam um papel duplo da religião, tanto de controle social, como de possibilidade de inclusão dos indivíduos e oportunidade de despertar consciência de seu papel, mesmo que limitado. As freiras apresentam esse papel duplo ao realizar a catequese como uma forma de doutrinação e controle, e nas atividades sociais com conscientizações, mesmo que fosse focado o papel das mulheres como mães e donas de casas.

A subversão pode ser silenciada, não estando no poder legitimado, mas a partir do momento que essas mulheres trabalham, desenvolvem atividade elas passam a serem valorizadas e acabam tendo bem está. Neste sentido a religião funciona como o suspiro para o oprimido, como salienta Karl Marx¹¹⁸:

A religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. O banimento da religião como felicidade ilusória dos homens é a exigência de sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito de suas condições é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões¹¹⁹.

Sendo assim, as mulheres assumiam as atividades e ao mesmo tempo adquiriam certa autonomia mesmo que silenciosa dentro da igreja, nas lideranças dessas atividades, pois mesmo como papel central na mão dos homens, aos poucos elas ganham visibilidade na instituição.

¹¹⁸ MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Martin Claret, p. 45-46, 2001.

¹¹⁹ Ibid.

As Irmãs da Providência de Gap, não escolheram lugares para residir, elas são enviadas em missão para os locais destinados pela própria congregação. Assim o grupo atuou na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no período de 1995 - 2016, a Congregação tem casa própria na cidade, por isso, nesse período passaram outras freiras que também contribuíram de forma significativa nas atividades religiosas e sociais da comunidade. Como Irmã Rosário que atuou na Pastoral da criança, Irmã Marta que atuou na Pastoral da saúde, Irmã Geralda atuou na Pastoral da Juventude e outras tantas.

Considerações finais

Estudar a vida religiosa feminina em Conceição do Coité, na década de 90 nos permitiu compreender como as mulheres leigas atuavam na Igreja Católica e no meio social, sendo que verificar o ser e o agir das mulheres em suas representações sócio-religiosas e interpretar suas experiências concretas significa identificar o lugar que ela ocupa e a mediação que ela opera na evangelização. Assim a análise da atuação das irmãs da Providência de Gap foi de fundamental importância para compreender os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres na paróquia Nossa Senhora da Conceição.

O estudo da história das mulheres e suas práticas religiosas contribuiu para superar a lógica patriarcal e hierárquica da Igreja Católica, onde apenas os homens eram detentores do poder. Visto que, a presença de feminina na Igreja é maior que a masculina, e tem poder restrito sendo muitas vezes submissas aos poderes centrais da Igreja. Apesar de sua autonomia ao desenvolverem as atividades elas poderiam também tomar decisões dentro da instituição.

Através do cruzamento das fontes percebemos que as Irmãs da Providência de Gap, juntamente com as demais mulheres católicas, desenvolveram importantes atividades no campo religioso e social no município, que mesmo não estando no poder central elas conseguiam realizar ótimos trabalhos e contribuir para o fortalecimento da Igreja Católica, através das pastorais, movimentos e grupos sociais.

Esta pesquisa é pioneira no Território do Sisal, por tanto foi um desafio a realização da mesma pela dificuldade em encontrar as fontes e autores que discutam essa temática. Este trabalho encontra-se em andamento, pois, muito tem a ser desenvolvido sobre a atuação religiosa feminina e a vida das Irmãs da Providência de Gap.

Através das fontes observamos que as mulheres atuavam em diversas atividades religiosas e sociais no município, e as Irmãs da Providência de Gap também tiveram uma atuação importante na educação, pois as mesmas atuaram como professoras em duas escolas em Conceição do Coité, o colégio

estadual Yêda Barradas Carneiro e Educandário Divino Mestre. Outra questão que pode ser abordada em relação às irmãs é a casa de formação que foi a proposta inicial da vinda da Congregação ao município, cujo objetivo formar jovens para seguir a vida religiosa.

Verificar a vida religiosa feminina na igreja Católica em suas representações religiosas e sociais e interpretar suas experiências concretas significa identificar o lugar que elas ocupam e a mediação que elas operam na evangelização. Assim, o fato das mulheres estarem afastadas das decisões quanto aos rumos da instituição não significa que elas não se agradam do poder, mesmo que seja uma forma diferenciada de poder, pois, ao participarem dos grupos e pastorais de certa forma, suas opiniões podem influenciar nessas decisões.

O universo pesquisado revelou-nos o nível social e intelectual, o comprometimento e as preferências dessas mulheres leigas pelos diferentes serviços existentes nas paróquias, delineando, através de suas práticas e experiências religiosas, os caracteres definidores do perfil de sua ação mediadora na evangelização.

REFERENCIAIS:

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi(Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALGRANTI, L. M. **Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. UnB, 1993.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1991.

AZZI, Riolando. **Vida Religiosa Feminina no Brasil Colonial (enfoques históricos)**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983

AZZI, Riolando. **Irmãs da Providencia de Gap, atuação brasileira**. Itajubá-MG, 2005.

AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARMO, Solange Maria. Catequese num mundo pós-cristão: Estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet. Tese para obtenção do título de doutora em Teologia da faculdade Jesuíta de Filosofia e teologia. Belo Horizonte, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem medica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

GROSSI, Mirian Pillar. **Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, 1990.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. SP: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: História da violência nas prisões. São Paulo: Ática, p. 118, 2002.

EVANS, Débora. Guia da sexualidade da mulher cristã, você foi criada com cuidado e perfeição. Tradução: Elizabeth Charles Gomes. São Paulo: Editora Cultura Cristã, p.86, 2001.

HESPANHA, Antonio Manuel. Governo, elites e competência social: sugestões para um entendimento renovado da história das elites. In: _____ Modos de governar: idéias e práticas políticas no império português- séculos XVI-XIX. São Paulo: Alameda, 2005.

HORNAERT, Eduardo. et al. **Historia da Igreja a partir do povo: primeira época, período colonial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JARDIM, Silvia Regina Marques. Gênero e educação: cruzando possibilidades. Revista *Ártemis*, vol.10, jun 2009.

MIRANDA, Cristian Barreto de. **REBULIÇÃO NO CORETO**: Conflito entre padres e políticos em Conceição do Coité (1989-2000). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, p.94, 2012

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 02, jul. /dez. 1995

LOURO, G. L. **O corpo Educado - pedagogias da sexualidade**. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2011.

NORA, Pierre. “Entre memória e história – a problemática dos lugares”. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Pós-graduação do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, nº 10, Dezembro 1993.

PENNA, Rejane Silva. *Fontes orais e historiografia: avanços e perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

RODRIGUES, Ana Livia Vieira. Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica. Salvador, 2007. Dissertação apresentada à UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6435>. Acesso em: 19/10/2016.

ROSADO NUNES, M. J. F. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 482-509.

SANTOS, Laise Araújo dos. **Festa de Nossa Senhora da Conceição do Coité (1989-2014)**. Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2016.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SCOTT, Jean Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS, corpo. 1990.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 02, 1995.

SILVA, Candido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia**. São Paulo: Ática, 1982.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flammarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensino de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

TEIXEIRA, Faustino. [et al.] **CEBs, cidadania e modernidade: uma análise crítica**. São Paulo: Paulinas, 1993.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 18, 1992.

WEBER, Max. Os tipos de dominação e Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: _____. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensível**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da UnB, vol. I, 2000.

ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres leigas na Igreja de Cristo**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LISTA DE FONTES

1. Fontes orais

Irmã Luzia Bueno da Silva. Entrevista concedida dia 21/05/2015-1h.

Irmã Marina Roseli dos Santos. Entrevista concedida dia 04/05/2016.

Irmã Antonia Sodr e Sousa. Entrevista concedida dia 02/05/2016.

Amélia  lvares dos Santos (catequista). Entrevista concedida dia 05/08/2015-54min.

Eremita Alves. Entrevista concedida em 16/08/2016- 30 min.

Bernadete Gonçalves (Berna). Entrevista concedida em 16/08/2016- 15 min.

2. Fontes impressas

O mensageiro de 1995-1999.

Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceio.

Catecismo da Igreja Católica.

Iconografias.

Caderno pessoal da catequista.

Documento da CNBB.